Preço 1$00 Quinta-feira, 20 de Setembro de 1956 Ano II - N.º 80

Semanário

A PROVÍNCIA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

Outro problema assistencial

Afirmei há tempos, por escrito, que sobre assistência a inválidos e à velhice não havia grande coisa a dizer, mas que havia muito a observar, a sentir e a pensar.

Ainda não mudei de ideias. O problema assistencial em relação à velhice e à invalidez continua a ser, com efeito, um problema por assim dizer resolvido e não obriga ninguém a estudos técnicos de grande envergadura.

* * *

O Estado e as instituições particulares que se ocupam dessa modalidade assistencial encaram-na, é certo, por forma que hoje já está errada; mas, em todo o caso, recolhendo, alimentando e vestindo a velhice desamparada nos seus asilos e recolhimentos, cumprem o seu dever, embora o cumpram mecânicamente e julguem que o cumprem bem.

Esses institutos socorrem a velhice desamparada, sem dúvida, mas não a socorrem

Por Amaral Frazão

com os olhos postos nos verdadeiros princípios respeitadores da pessoa humana e não têm por ela aquela consideração especial que deve ter-se por quem trabalhou uma vida inteira e se encontra, por fim, sem o mínimo amparo moral e material.

* * *

As casas de repouso que vão surgindo aqui e ali, são instituições já formidáveis pela acção social que desenvolvem, pelos incalculáveis benefícios que prestam, em especial de ordem moral, aos trabalhadores que se invalidaram, o que singularmente contrasta com os chamados *asilos de velhos*, que funcionam sem alma e sem aquele sentido de solidariedade tão grato ao coração dos que vêm acompanhando o grande apostolado que tais instituições representam.

Essas instituições são autênticos templos do bem, do amor, de fraternidade para os que o tempo inexoràvelmente atirou, por assim dizer, para fora da vida e se acolhem, confiados, à sua sombra protectora e afável. Eliminaram, em boa hora, o aspecto de asilo, onde os indivíduos passam a ter libré e a ser números, perdem a liberdade de cidadãos e desconhecem o conforto de um lar.

* * *

O asilo tem a frieza própria dum túmulo, não abriga ternura e sensibilidade entre as suas quatro paredes, transformadas em cárceres dos que praticaram o único crime de terem perdido a mocidade e o vigor. Ali tudo é esmola, favor, dádiva humilhante, muitas vezes.

(Continua na página 4)

CORAGEM!

Anatole dizia que adorava os gatos porque eram misteriosos. Há também quem lhes chame estúpidos. Acredito que o não sejam completamente. Em todas as espécies zoológicas com que privamos, deparam-se-nos uns exemplares mais inteligentes e outro menos. Agora, o que se pode afirmar, é que existem gatos cônscios do dever e para mais destemidos. Isto aplica-se igualmente às gatas. Uma pelo menos — simpática e adorável bichana — foi há dias publicamente alcunhada de «a gata mais corajosa do mundo».

Este tipo de classificação lembra, já se sabe porquê, os Estados Unidos, que detêm pràticamente todos os *records*. Desta vez, porém, o *record* não lhes pertence mas à Grã-Bretanha. «A gata mais corajosa do Mundo» é inglesa, londrina, «coockney». Rigorosamente, «era», porque morreu.

Chamava-se «Fé» e há anos que passeava a sua modorra e, acidentalmente, as suas paixões, pelos re-

(Continua na página 4)

Folha ao vento...

A videira, certamente por ser dos seus frutos que se faz o excelente vinho capaz de «alegrar» o bom bebedor, é conhecida como o símbolo da alegria.

O pinheiro traduz saudade, sem dúvida pelo facto de ser com a sua madeira que se fabricam os caixões... se bem que nem todos os mortos nos deixem saudades.

A nogueira é conhecida como a árvore da virtude... talvez por ser impossível tirar as nódoas que causa.

Atribui-se tristeza ao cedro, — sabe-se lá?, por ser à sua sombra que os poetas costumam meditar.

Diz-se que o cipreste é símbolo da Morte, claro,

Por ZÉ DOS ANZÓIS

por crescer esguio a caminho do céu ou por o haverem escolhido para ornamentar os cemitérios.

Afirma-se que a figueira traduz doçura; mas parece-me que melhor seria chamar-se-lhe árvore do arrependimento, uma vez que

(Continua na página 4)

Crónicas Irrequietas – 32

O POBRE DO MARTE

Como eles são uns «catitas» de *primo cartello!*

Como eles tiveram a habilidade de descobrir que o Marte é que era o culpado de toda esta balbúrdia celestial!

Venderam a Ciência para destruir, para arrasar cida-

Por ÁLVARO VALENTE

des e continentes, e agora o Marte é que «paga as favas»...

E vieram, então, à baila as órbitas, as manchas, as erupções à superfície, os perigos para o nosso planeta, — como se os maiores perigos não tivessem derivado das descobertas maquiavélicas que ofereceram às ambições humanas!

O mundo vivia em relativa felicidade, na paz dos montes serranos e na resignação habitual dos que já sabiam com que contavam.

Guerras, sempre as houve.

Desde que o Homem surgiu no planeta, logo se envolveu em luta e disputa com o vizinho do lado, cioso de prerogativas que tomara por suas mãos, levado nas ondas do mal instintivo. Muitas vezes, por um «sim» ou por um «não», andavam as tribos às frèchadas anos e anos, raças contra raças, povos contra povos.

Foi sempre um crime de lesa humanidade, que o padre António Vieira estigmatizou nos seus escritos imortais e tantos outros filósofos e escritores condenaram.

Os cá de baixo, os do *nada*, os pilhas, lá se inflamavam com as tretas dos mentores e lá se degladiavam com furor e galhardia.

Era um crime indiscutível, espécie de brotoeja ou sarampelho a que todos os povos e raças estavam sujeitos por disposição ancestral.

O crime, porém, praticava-se ainda com certas virtudes.

Havia lealdade, rasgos de franca generosidade, gestos de verdadeira coragem e valentia, homem contra homem, a ver quem melhor as dava, quem melhor as tinha, quem melhor sabia bater-se. A destreza, a heroicidade, o génio bélico, eram apanágio dos grandes guerreiros e distinguiam os cobardes dos fortes, os tímidos e os timoratos dos valorosos e dos intrépidos.

(Continua na página 4)

PORTUGAL TURÍSTICO

NAZARE — Praça de Sousa Oliveira. Explanadas. Ao longe: a praia e o mar. Esta é a praia que os estrangeiros preferem, pelas suas belezas naturais e pela vida marítima, — esta tão repleta de originalidade e de curiosos aspectos.

MONTIJO

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias, excepto ás sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º-Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Organizações Progresso

Oiçam todas as 3.as feiras às 13 horas, através do Clube Radiofónico de Portugal o programa «REVISTA DESPORTIVA», uma produção de Fernando de Sousa, com o patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso
Av. de Roma, 207, 3.º-Esq.º
LISBOA

Telefone 026 567

Para boas Fotografias

Foto Montijense

Casa da Criança

Como a Comissão da Casa da Criança tem sido ùltimamente abordada por inúmeras pessoas de várias categorias sociais, tanto de Montijo como de outras terras do país, quer pessoalmente quer por intermédio de telefonemas e de diversa correspondência recebida, a indagar quando saíria o nosso Boletim e quando começariam as obras da Casa da Criança, apresta-se a mesma Comissão, por intermédio de «A Província», a informar que o reaparecimento do Boletim, com óptimo aspecto gráfico e excelente colaboração, deve dar-se por toda a próxima semana, e que as obras da Casa da Criança estão pendentes do parecer do Ex.mo Engenheiro responsável pela urbanização da vila de Montijo.

Contudo, por informações fidedignas, sabemos que o caso está em vias de solução definitiva; portanto, há que aguardar as ordens daquele departamento de urbanização.

Por último, ao interesse despertado pelo povo montijense e os de outras localidades quanto a tudo que diga respeito à Casa da Criança de Montijo, cuja idealização partiu de alguns dirigentes e bons amigos da Associação de Socorros Mútuos N.ª S.ª da Conceição e secundado por outros que desinteressadamente têm dado a sua valiosa colaboração, somos a informar que já começaram a ser distribuídas as circulares solicitando de todos a sua ajuda, quer em dinheiro, quer em trabalho ou materiais, e que, por autorização do Dig.mo Sr. Presidente da Câmara e segundo o parecer da Secção Técnica do Município de Montijo, foi colocada num dos topos duma placa da Praça da República o mealheiro da Casa da Criança, para nele ser recolhido o óbolo de qualquer que no anonimato queira contribuir também para a Casa da Criança.

INSTITUTO MATERNAL

Curso de Auxiliares e Enfermagem-Parteiras

AVISO

Até 30 de Setembro próximo está aberta a inscrição para a frequência no próximo ano lectivo, dos cursos de auxiliares de enfermagem-parteiras, que funcionarão em Lisboa na Sede do Instituto Maternal - Maternidade Dr. Alfredo da Costa e na Delegação do mesmo Instituto no Porto. Os cursos têm a duração de doze meses, incluindo os estágios.

Podem ser admitidas à matrícula diplomadas com o curso de Auxiliares de Enfermagem.

As candidatas à matrícula deverão indicar se desejam ou não frequentar os cursos em regime de internato e qual a escola em que pretendem ingressar.

Às alunas que o solicitarem, poderão ser concedidas isenções de pagamento de matrículas e subsídios de estudo.

Às auxiliares de enfermagem - parteiras, que trabalham em serviços oficiais, são abonados vencimentos superiores em 20% aos que percebem as auxiliares de enfermagem.

Na sede do Instituto Maternal em Lisboa e na delegação do Porto, prestam-se todas as informações sobre a frequência dos referidos cursos.

Uma cerimónia tocante

No passado dia 14 do corrente, no gabinete do nosso Director, compareceu o nosso querido amigo José dos Santos Marques, distinto colaborador de «A Província» e Director do «Moto *Jornal*», suplemento de «A Província», que, perante elementos do Vespa Clube de Montijo e de todo o corpo redactorial, fez entrega ao nosso Director da oferta que o Vespa Clube de Lisboa» nos dirigiu.

Trata-se dum interessante cartão em metal, contendo o emblema daquele Clube e as seguintes palavras:

«Ao jornal «A Província» — Montijo — Homenagem do Vespa Clube de Lisboa, por ocasião das festas de S. Pedro. Junho de 1956.»

O nosso Director agradeceu este gesto penhorante e disse da sua satisfação por tamanha gentileza.

Tornamos público este facto pelo que ele representa de prestígio para a nossa terra, que «A Província» procura servir com elevada dedicação, e pela certeza que nos trouxe da justa compreensão das nossas actividades.

Ao prestigioso Clube da capital endereçamos o profundo reconhecimento de «A Província» e de quantos trabalham neste semanário.

Feira de Malhas
EM MONTIJO

Malhas para homem, senhora e criança a preços excepcionais.

No seu próprio interesse visite a ***Casa Bambino***

R. Joaquim de Almeida, 59-A
MONTIJO

O Relatório da Comissão das Festas Populares de S. Pedro-1956

Desta Comissão acabamos de receber o Relatório das suas actividades, em referência às festas que terminaram este ano em 3 de Julho.

Antes de mais, queremos agradecer a gentileza do exemplar que nos remeteram, e ressaltar as intenções honestas, claras e positivas, que presidiram à leitura do notável documento.

Por ele se averigua como foram administradas as receitas obtidas, do que constaram essas receitas, e bem assim quais as despesas efectuadas.

A fechar esse relatório, conclui-se que ainda ficou para o ano futuro o saldo do exercício, no total de 13.029$50 centavos.

Vejamos algumas verbas mais importantes que constam das receitas e do mapa respectivo:

Donativos, 78.055$40; Quotização, 2.737$50; Exploração de cinema 123.575$50; Receitas auxiliares e terrados, 63.788$60; Subsídio da Câmara, 79.500$00; Romaria da Atalaia, 23.691$50.

E agora as despesas, também mais importantes e constantes do mesmo mapa:

Propaganda, 46.620$10; Concertos musicais, 42.879$20; Ornamentações, 100.600$00; Fogos diversos, 50.560$00; Marcha luminosa, 51.912$90; Ranchos folclóricos, 30.715$50; Serviços religiosos, 7.684$30.

Todas estas contas estão devidamente descriminadas em suas rubricas, de molde a saber-se e conhecer-se o seu desenvolvimento.

O total das receitas foi, pois, de 380.113$80, e o das despesas foi de 367.084$30, donde resulta o saldo atrás indicado.

O dito Relatório termina com algumas considerações da Comissão acerca da criação de novas receitas que assegurem a continuidade das festas, com o brilhantismo das ùltimamente realizadas, em vista de estar em dúvida a contribuição futura dos bilhetes dos cinemas locais.

Percorremos e analisámos o referido Relatório e as contas constantes do mesmo, e julgamos bem cumprir a nossa missão tornando públicos os números e as rubricas ali incluidos, para que todos possam avaliar a importância global das Festas Populares de S. Pedro e o quanto Montijo fica devendo à dinâmica e incansável Comissão que as levou a efeito.

«A Província» felicita os seus componentes e mais uma vez lhes dirige os seus encomiásticos aplausos.

O Relatório vai ser submetido à apreciação da Ex.ma Câmara Municipal.

Sociedade Electrificadora Tejo, Lda.

Rua Almirante Cândido dos Reis, 18 -- Telefone 026084 -- MONTIJO

Não compre sem consultar os preços da:

Grande variedade de:
LUSTRES — CANDIEIROS
FOGÕES ELÉCTRICOS
desde Esc. 95$00
Ferros - Torradeiras - Ventoinhas - Termo-cumuladores - Aquecedores Eléctricos - Aspiradores - Enceradoras e Descansos automáticos.

OSRAM
a melhor LÂMPADA

TODO MATERIAL ELÉCTRICO
De fios a cabo armado
MOTORES ELÉCTRICOS
Grupos e Moto-Bombas Automáticas
BATERIAS E PILHAS TUDOR
Representantes de Rádio e Televisão
MARELLI -- AGA -- GELOSO

Representantes exclusivos da melhor panela de pressão: PRESTIGE

Encarrega-se de trabalhos de montagens de instalações eléctricas, água e gás

Grandes facilidades de pagamento

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 12, o nosso dedicado assinante Sr. Abel Fernandes Tobias Marques.

— Dia 13, o sr. Domingos Tavares Junior, nosso prezado assinante em Lisboa.

— Dia 15, a sr.ª D. Maria Germana de Azevedo Madeira, esposa do nosso assinante, sr. Carlos José Cardoso Madeira.

— Dia 15, e não no dia 13, como noticiáramos, o sr. Anselmo Joaquim Marques, nosso prezado assinante.

— Dia 18, a menina Luísa Natália Casas Tavares Areia, gentil filha do nosso dedicado assinante, sr. Luís Tavares Areia Junior, sócio da conceituada firma Sequeira & Santos, Ld.ª.

— Dia 18, o menino Eugénio Manuel dos Santos Baptista, nètinho do nosso estimado assinante sr. Carlos Santos.

— Dia 18, a menina Maria José Tormenta Tavares, sobrinha do sr. António Maria Tormenta, nosso estimado assinante.

— Dia 18, a sr.ª D. Maria Aurora Marques, sogra do nosso estimado assinante sr. Mário Vicente.

— Dia 19, a sr.ª D. Lídia de Jesus Gonçalves, mãe do nosso mesmo assinante sr. Mário Vicente.

— Dia 19, o menino Alexandre Alberto Marques Moreira, filho da sr.ª D. Augusta Marques Moreira, nossa estimada assinante e digna parteira do Hospital Sub-Regional de Montijo.

— Dia 19, o nosso estimado assinante Snr. Fernando da Silva Manhoso.

De Visita

a sua Família, partiram no dia 17 do corrente para Carragosela-Tábua, a sr.ª D. Maria da Costa Ribeiro, D. Rita Jesus Ribeiro e a menina Maria Arlete da Costa Ribeiro, Esposa, Cunhada, e Sobrinha do nosso assinante, sr. António Ribeiro, Industrial nesta Vila.

LUTUOSA

No passado dia 14 do corrente, faleceu nesta vila o sr. Joaquim dos Santos Oliveira, antigo chefe da secção administrativa e municipal, há muito aposentado.

A sua morte foi muito sentida em Montijo, onde era considerado e estimado por todos, dadas as suas excelsas qualidades de carácter, de honestidade, e de bondade extrema.

Foi secretário da Direcção da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, tesoureiro da Associação H. dos Bombeiros Voluntários, da administração do Asilo de S. José, e ainda de outras colectividades que sempre serviu com acendrada dedicação.

O seu funeral, que saiu da nossa Igreja Matriz para o cemitério local, constituiu uma profunda manifestação de pesar, nele se incorporando representações dos B. V., da 1.º de Dezembro, do Asilo de S. José e do Orfanato, muitas senhoras e centenas de pessoas de todas as categorias sociais.

Que repouse em paz, o desditoso amigo e autêntico Homem de Bem!

A toda a sua Ex.ma Família, e nomeadamente a seu ilustre filho, sr. Comandante Joaquim dos Santos Oliveira J.or, nosso estimado assinante, «A Província» endereça as suas mais sentidas condolências.

Câmara Municipal de Montijo

Aquisição de uma máquina Somadora

Até ao dia 30 do corrente, aceitam-se preços para o fornecimento de uma máquina somadora eléctrica.

Praça de Toiros de Montijo

Festival no Campo Pequeno Lisboa

Foi um autêntico sucesso o festival do dia 13 do corrente, em homenagem à Comissão da Praça de Toiros de Montijo!

Conforme anunciáramos, no vapor das 20 horas seguiu para Lisboa uma multidão entusiástica que ia assistir a essa homenagem e nela colaborar.

Acompanharam-na as nossas duas Bandas, - a Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro e a Banda Democrática 2 de Janeiro —, e bem assim a Marcha dos Pescadores de Montijo.

O Vapor regorgitava!

O entusiasmo era esfusiante!

O espectáculo começou pela exibição da nossa Marcha, a qual foi delirantemente aplaudida pela numerosa assistência, — quase uma enchente colossal no vasto recinto.

O festival, em que colaboraram como cavaleiros: José Baraona Núncio e Fernando Palha, e como «espadas» Domingos Ortega, Luís e Pepe Dominguin, e o matador português Joaquim Marques, decorreu com brilhantismo e agradou plenamente.

A muitos aficionados ouvimos afirmar que muitas corridas «em forma», ou «formais», teriam sido inferiores.

Os toiros eram de certo modo pouco corpulentos, mas bravos, o que proporcionou uma lide vistosa e interessante.

Os «espadas» e o nosso matador puderam assim mostrar a sua classe e tornar o festival numa inolvidável noite de toiros.

O Cavaleiro José Baraona Nuncio, — continuando as tradições de seu pai — mestre João Núncio, toureou como grande discípulo e teve, por fim, uma «faena» a pé que levantou a praça.

Os forcados fizeram duas pegas aparatosas: uma de Nuno Salvação Barreto, após três derrotes, e outra que António Lapa executou e que mereceu fartos aplausos.

Dos peões de brega destacaram-se «Badajoz» em dois pares, e o nosso conterrâneo António Manuel Gregório, num par estupendo.

Em resumo: cavaleiros, «espadas», forcados e artistas foram muito ovacionados e tiveram chamadas especiais.

Dirigiu o festival o também nosso conterrâneo Justiniano Gouveia, com sua habitual competência.

De tudo se colheu uma lição bem significativa:

O Povo montijense acorre sempre em favor das iniciativas que visam o prestígio da terra e, mais esta vez, demonstrou que está pronto a todos os sacrifícios para que a construção da Praça de Toiros seja uma realidade, no mais curto espaço de Tempo.

Pela 1 e meia hora o vapor regressava a Montijo, sendo evidente a satisfação geral pela bela noite passada.

Agradecemos, muito penhorados, o convite que nos dirigiram para assistir.

Agradecimento

SAMOUCO

José Carlos Rodelo

Sua mãe e mais família agradecem reconhecidos a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada o seu ente querido e a todas que enviaram as suas sentidas condolências e bem assim a todos que se interessaram pelo seu estado de saúde.

Cinco de Outubro

As comemorações aniversitárias do 5 de Outubro, em Montijo, constarão este ano — dum concerto público pela Banda Democrática 2 de Janeiro, lançamento de foguetes e morteiros, e saída da mesma Banda em cumprimentos às autoridades.

Projecta-se ainda, se tal for possível, a realização dalguns actos de benificência local, do que oportunamente daremos noticia.

Concurso Hora Feliz

Este Concurso, — promovido pela Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, em Montijo —, continua em pleno êxito.

No passado dia 13 do corrente, nas salas da nossa Redacção, procedeu-se mais uma vez à abertura do famoso relógio que orienta esse Concurso.

Parara nas:

20 horas e 25 minutos.

Fora premiada a sr.ª D. Maria Júlia Coelho, rua Manuel José Nepomuceno, 13 — Montijo.

O Concurso Hora Feliz segue sua marcha vitoriosa.

Inscreva-se ainda e tenha esperança de ser contemplado.

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Comunica que, tendo de se ausentar para o estrangeiro, interrompeu a sua clínica até ao fim do mês corrente.

A Moita do Ribatejo e as suas Festas

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível inserir hoje a reportagem das Festas da Sr.ª da Boa Viagem e outros assuntos referentes à nossa vizinha e progressiva vila.

Nos próximos números de «A Província» se fará essa publicação, desenvolvida e ilustrada.

Do facto pedimos imensa desculpa, na certeza, porém, de que a tudo daremos o devido relevo nos números seguintes, como é de toda a justiça.

Liceu Nacional de Setúbal

O Reitor, devidamente autorizado pela Direcção Geral do Ensino Liceal, tem a honra e o prazer de informar, não só a Cidade mas ainda todo o Distrito de Setúbal, que o seu Liceu, a partir deste ano escolar (1956-1957), funcionará com os 3 Círculos, isto é, do 1.º ao 7.º ano.

Atendendo, porém, a variadíssimas circunstâncias, económicas, técnicas e até pedagógicas, Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional limitou, e apenas para o próximo ano escolar, a matrícula à alínea f) do 6.º ano que habilita:

Para as Faculdades de Medicina, para as Licenciaturas em Ciências Matemáticas, Físico-Químicas, Geofísicas, Geológicas, Biológicas e curso de Engenheiro Geografo das Faculdadades de Ciências, para a Faculdade de Engenharia do Porto, Instituto Superior Técnico de Lisboa, Escolas Militares, Instituto Superior de Agronomia, Escola Superior de Medicina Veterinária, Faculdade e Escolas de Farmácia e Nacional de Instituto Nacional de Educação Física.

Deste modo, o Reitor:

a) Convida todos os interessados a requerer as suas transferências (aos já matriculadas) no Liceu de Setúbal (aos não matriculados), até ao dia 22 do mês corrente.

b) Agradece a todas as autoridades do Distrito e da Cidade e bem assim a todas as suas «Forças Vivas» o carinho, o interesse e mesmo toda a paixão com que levaram a bom termo a tão antiga e justa pretensão da nobre Cidade do Sado.

c) Felicita toda a população pelo bem que lhe advirá de poder, com menores sacrifícios-materiais e morais — completar a educação de seus filhos.

d) Permite-se, como presidente nato, abraçar todos os componentes da «Velha e Antiga Sociedade dos Amigos do Liceu de Setúbal» que, na sombra e sem alardes, há longos anos vem realizando obra contrutiva na educação dos rapazes e raparigas de Setúbal e, de onde partiram, ùltimamente, os desejos de ver «crescer» o Liceu que, em tão boa hora, o Governo da Nação como sempre concretizou em realidades.

Liceu Nacional de Setúbal, em 17 de Setembro de 1956

O Reitor,

José de Mendonça e Costa

Vendem-se

— Quatro MORADIAS, na Rua D — Afonsoeiro — Nesta Redacção se informa.

— CARROÇAS altas, rasteiras e de correntes.

Avenida João de Deus, 69 — Telefone 026162 — MONTIJO.

— CASA mista e habitação, primeiro andar, trespassa-se ou vende-se no centro da vila de Canha do Ribatejo, afreguesada de há 40 anos, por motivo de ter morrido o dono. Tratam os próprios herdeiros.

Rua Actor Taborda, 37 r/c Dt.º — Telef. 54264 — LISBOA.

Precisa-se

— EMPREGADO de 16 a 18 anos, conhecendo ramo mercearia, para trabalhar em armazém do mesmo género.

Resposta à Rua Serpa Pinto, N.º 151-2.º Esq.º — MONTIJO.

Quem achou?

— BRINCO pequeno com diamantes, perdeu-se entre o Parque Municipal e a Praça 1.º de Maio.

Gratifica-se quem o entregar nesta Redacção.

Oferece-se

— DACTILÓGRAFA, com 2 anos de prática de Cartório, 17 anos de idade, deseja emprego compatível. Nesta Redacção se informa.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 21 — *Giraldes*
6.ª-feira, 22 — *Montepio*
Sábado, 23 — *Moderna*
Domingo, 24 — *Diogo*
2.ª-feira, 25 — *Giraldes*
3.ª-feira, 26 — *Montepio*
4.ª-feira, 27 — *Moderna*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 9 horas.
6.ª-feira — às 19 horas.
Sábado — às 9 horas.
Domingo — às 8, 10, e 11,30 h.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 20; «A Filha de Mata-Hari», com «Vulcão» e Revista Paramount.

6.ª feira, 21; Um interessante *filme* japonês, «Amores de Samuray», com a sensacional *reprise*, «Dupla Vitória».

Sábado, 22; «Expresso do Oriente», com «A Coroa de Ouro» e Imagens de Portugal.

Domingo, 23; Apresentação pela 1.ª vez em Montijo do VittaVision, com o primeiro *filme* desse maravilhoso sistema cinematográfico, «Natal Branco».

2.ª feira, 24; A engraçadíssima comédia, «O Rei da Confusão», com «Rasto Sangrento».

3.ª feira, 25; Mais um programa Mexicano, mais um sucesso garantido, «Quando Quer um Mexicano», e o famoso par Arturo de Córdoba e Zully Moreno, em «Maria Monte Cristo».

4.ª feira, 26; Um programa monstro, «Os Intrigantes», um dos últimos sucessos policiais, e a nunca esquecida *reprise*, «Persianas Corridas».

CINEMA 1.º DEZEMBRO

5.ª feira, 20; Não há espectáculo por se realizar a Assembleia Geral desta colectividade.

6.ª feira, 21; (Para 13 anos) O grandioso *filme* português, «Quando o Mar Galgou a Terra», e no programa o *filme* de aventuras, «Sangue Aventureiro».

Sábado, 22; (Para 13 anos) O maravilhoso drama colorido, de música, romance e amor, «Os Sapatinhos de Cetim», e no programa o *filme* de acção «Medo do Destino».

Domingo, 23 e 2.ª feira, 24; (Para 13 anos) O maior *filme* em cinemascópio de todos os tempos, «20.000 Léguas Submarinas».

3.ª feira, 25; (Para 13 anos) O *filme* colorido da selva, 5 vezes premiado, «Onde os Abutres Não Voam», 13 partes, e lindos complementos.

4.ª feira, 26; (Para 18 anos) Um drama impressionante, com Dolores del Rio, «O Menino e a Névoa», o filme que conquistou 8 primeiros prémios.

5.ª feira, 27; (Para 13 anos) O famoso drama de aventuras e duelos, maravilhosamente colorido, «IVAN, o Filho do Diabo Branco», e a linda comédia de aventuras, «Dominadores do Oeste».

Aluga-se

— CASA com 9 divisões, 1.º andar, renda 500$00. Informa-se neste Jornal.

Trespassa-se

— LUGAR DE FRUTAS, miudezas porcinas, peixaria e hortaliças, com um pequeno sòtão para habitação, junto a importante centro industrial, por motivo de retirada. Trata-se com o próprio, José Pinto, Bairro do Alto das Vinhas Grandes, Montijo.

Ensino Primário

— PROFESSORA diplomada aceita alunos. Nesta redacção se diz.

O POBRE DO MARTE

(*Continuação da primeira página*)

Era a fera contra a fera, mas cara a cara, frente a frente, murro a murro, — como se fosse à antiga portuguesa.

Depois, com o andar dos tempos, tudo se modificou.

As guerras passaram às trincheiras, aos esconderijos, e vieram os gases mortíferos, os foguetões, as bombas omnipotentes, os engenhos de maior alcance e de maior destruição.

A luz do sol foi substituída pelos *very lights* deslumbrantes, e nas sombras decorrentes traçaram-se quadros que a própria imaginação nunca previra.

As virtudes antigas foram trocadas por habilidosas manobras, e as teorias mudaram a face das velhas actividades.

Apareceu a Ciência e pôs ao serviço dos predomínios o poder demoníaco dos seus estudos profundos.

E nunca mais houve parança!

Se um descobriu a bomba que mata seiscentos mil, outro oferece imediatamente outra que mata um milhão!

E desagrega-se o átomo para fulminar, e vai-se ao urânio, ao plutónio, ao inferno, buscar a força, o germe, a base que consiga suplantar o que aquele arranjou de mais espantoso extermínio.

E vá de experiências, vá de atirar aos ares espectros tremebundos que arrepiam os espíritos bem intencionados, os sensatos, os corações e as almas puras.

A Natureza, é claro, não gosta destas «brincadeiras».

Quem se mete com ela está apto a sofrer-lhe as consequências. Ela não perdoa que transtornem o sossego dos astros, a vida costumada de quanto vai pelo cosmos.

E vinga-se. E faz pagar caro esses atrevimentos.

E lá se vai o verão, e aí vêm os gelos dos polos, e lá se vai a primavera, as laranjas e os limões, e aí temos tudo trocado, tudo de pernas ao ar, tudo às avessas!

E depois o Marte é que é o culpado, o Marte é que paga!

Até se esquecem de que ele é o deus da guerra e que não pode, certamente, ver com bons olhos todas as alterações modernas que se introduziram na arte de matar...

Pobre Marte! Que pena eu tenho do pobre planeta, suposto causador dos males que vão pelo mundo!

Daqui te envio, meu caro infeliz, a minha simpatia, — aquela simpatia que sempre me inspira a justiça de todos os meus actos, de todas as minhas expressões!

Álvaro Valente

CORAGEM!

(*Continuação da primeira página*)

cantos de uma Igreja da City, entregue aos cuidados do sacristão, que lhe dava comida, afagos e a máxima liberdade, retribuída com ronrons enternecedores.

Aliás, a pobre, desde 1940 que deambulava entre ruínas, pois o templo foi destruído durante o «blitz». E data precisamente desse pavoroso período da batalha de Inglaterra o gesto que lhe trouxe renome.

Nas palavras saudosas que constam duma lápida evocativa, afixada na parte já reconstruída da igreja, diz-se que «Fé» e a sua prole amesendavam-se, normalmente, na sacristia. Quando, numa fria e nevoenta noite de Dezembro, a igreja foi violentamente atacada pelos aviões de Goering, «Fé», apesar do bombardeamento e do incêndio que lavrava por toda a parte, ficou, estòicamente, no seu canto, junto dos filhos.

Os tectos e as paredes voavam em pedaços e toda a igreja estava em chamas.

Os quatro andares do templo desabaram com fragor. Á volta de «Fé», só havia fogo e ruinas. No entanto, diz a lápida, «manteve-se calma, bem cosida costra os filhos, e assim esperou, corajosamente, que a fôssemos salvar e à prole. Só nos foi possível fazê-lo na manhã seguinte, quando a igreja ainda ardia. Graças a Deus, nem «Fé» nem os gatinhos estavam feridos. Que o Todo-Poderoso seja louvado pela sua bondade e compaixão para com a nossa querida gatinha.

A gata mais corajosa do Mundo...

M. C.

Pela IMPRENSA

— Com seu número 16828, completou 56 anos de vida jornalística o diário regionalista «*Notícias de Évora*» que nesta cidade se publica e de que é Director Joaquim dos Santos Reis.

Cumprimentamos afectuosamente o distinto colega por mais este aniversário e desejamos-lhe, bem como a quantos nele trabalham, muitos e longos anos de franca prosperidade.

— O «*Correio da Feira*», que se publica na vila da Feira sob a direcção de José Soares de Sá, teve a gentileza de no seu N.º 3006, transcrever o artigo do nosso querido colaborador Antunes da Silva, intitulado «As Bandas de Música».

Muito sensibilizados, agradecemos a penhorante deferência.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Folha ao vento...

(*Continuação da primeira página*)

foi numa figueira que Judas se enforcou cheio de arrependimento por ter atraiçoado Jesus Cristo.

Lá porque Eva se lembrou um dia de tentar Adão à sombra de uma frondosa macieira, vá o hábito de se atribuir a essa árvore o símbolo do amor. Em meu entendimento devia, sim, chamar-se-lhe árvore da tentação... a ver se os namorados mais se iam abrigar à sua sombra.

Não concordo em se dizer que a oliveira representa o símbolo da paz, uma vez que é dos seus carnudos frutos que se fabrica o azeite, mais ou menos loiro, que tantas vezes nos falta e algumas brigas nos tem causado.

Indica-se o marmeleiro como símbolo da força; mas os de Fafe garantem que ele é, sim, o melhor argumento da Justiça.

O loureiro, desde há muito que é considerado como símbolo do triunfo, dado que de longa data vem o costume de se enfeitar a cabeça do vencedor com uma coroa de louros.

O plátano simboliza alteza, porque a sua madeira foi sempre preferida para a construção de tronos.

A tília é o símbolo da calma. Concordo em absoluto, porque um bom chàzinho de folhas de tília faz acalmar os nervos.

Quase todas as imagens dos santos são esculpidas em madeira de cerejeira, e por essa razão se diz ser essa árvore o símbolo da santidade... embora o caruncho tenha certa predilecção por ela.

A laranjeira é símbolo da inocência e da castidade, e daí vem o costume de se enfeitarem as noivas com seus raminhos... muitas das vezes bem artificiais... E assim, as árvores e as madeiras servem de símbolos, apenas de símbolos, dos inventores de hipóteses...

Zé dos Anzóis

Obras de Alvaro Valente

— «Eu», livro de sonetos, esgotado; «Daqui... fala Ribatejo», contos monográficos, 30 escudos; «Pedaços deste Ribatejo», folclore e costumes, 30 escudos; «A minha visita ao museu de S. Miguel de Ceide», folheto, 5 escudos; «Hino a Almada», em verso, 10 escudos; «Grades Eternas», estudos sociais, 15 escudos; «Vidas Trágicas», romance, 15 escudos; «Viagem de Maravilhas», reportagem, 20 escudos.

Pedidos à Redacção de «A Província».

Publicações Recebidas

— *Boletim do Porto de Lisboa* — N.º 66 — Julho.

Director *Dr. Raúl Humberto de Lima Simões* — Cais do Sodré — Lisboa.

O sistema portuário da capital, seu movimento marítimo, clima, história antiga, legislação vária, tarifário do porto de Lisboa, transcrições e referências da imprensa, — eis o sumário deste número do mês de Julho.

Por ele se conclui a importância da publicação e dos assuntos aí tratados.

Muito e muito obrigados pela remessa de mais este exemplar.

— *Revista Portuguesa de Seguros* — série N.º 6 — meses de Maio e Junho.

Director, proprietário e editor: *Luís da Costa Santos* — Lisboa.

Revista da especialidade, — especialidade que o seu Director conhece como poucos —, impõe-se pela bela apresentação e dignidade dos assuntos observados.

Também a campanha agrícola do ano corrente mereceu a atenção desenvolvida de interessantes comentários estatísticos, a fls. 19 deste número, — o que é muito louvável e interessante.

Além do inestimável serviço prestado à indústria seguradora, agrada-nos sobremaneira a forma criteriosa e inteligente como tudo se encontra disposto no número em referência.

Muito agradecidos pelo exemplar remetido a esta redacção.

— *Boletim de Informação do Secretariado Nacional de Informação*, — Lisboa.

Recebemos os n.os 871, 872, 873, e 874, repletos de altos e transcendentes estudos.

Todos os números do maior interesse e importância.

— «*Aqui, Lisboa*» — *do Serviço Ultramarino da Emissora Nacional de Radiodifusão* — Lisboa.

Verão de 1956!

Quem o dera...

Simplesmente simbólica, essa advertência!

Como sempre, admiràvelmente escrito e ilustrado.

Páginas turísticas, páginas de soberbas gravuras!

«Aqui Lisboa», lê-se e percorre-se com o maior agrado.

Muito reconhecidos pela distinção da oferta.

Outro Problema Assistencial

(*Continuação da 1.ª página*)

As casas de repouso, que felizmente entraram no nosso acanhado sistema assistencial, são, pelo contrário, instituições que dignificam qualquer regime e onde os indivíduos continuam a ser homens, onde os que sofrem vão aliviar as suas penas, esquecer desenganos, olvidar egoismos, gozar, enfim, uma paz bem conquistada, reconfortante, sonhando com uma mocidade que não volta ou com uma justiça justa que certamente o mundo nunca verá.

SANFER, L.DA

SEDE — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

José Teodósio da Silva

(Herdeiro)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 8 — Telef. 026204-9

MONTIJO

Todo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

Conselhos práticos aos leitores

«Vai então comprar uma moto usada?!»

JÁ que infelizmente, embora nem só entre nós, o mercado de motocicletas de ocasião, como o de automóveis, goza, quase sempre, de péssima reputação, pretendemos, ao iniciar esta secção, servir os leitores candidatos à compra de uma moto usada, demasiado ingénuos ou inexperientes, com alguns conselhos, resultantes da nossa larga prática nestas andanças do motociclismo, já que nem todos poderão comprá-la nova, como seria sempre de desejar. Antes de mais nada, deve o possível comprador convencer-se de uma coisa: «Não existe ninguém que mais honestamente possa avaliar e verificar o estado de uma moto, do que o directamente interessado». O facto de, ao ir examinar um desses veículos se fazer acompanhar de um mecânico «de confiança», não exclui a hipótese de ser na mesma enganado. Uma simples piscadela de olho do vendedor ao mecânico, nas costas do comprador, logo o põe de sobreaviso de que, se o negócio se fizer, terá a sua comissão garantida, que irá receber mais tarde, tendo, portanto, como é natural, todo o interesse em que a moto seja adquirida, esteja ou não em bom estado.

Por

Fernando Espírito Santo

Posto isto, passemos ao que deve ser examinado cuidadosamente e experimentado com consciência.

PNEUS: Devem ter suficiente desenho na faixa de rodagem; cuidado com os inchaços que se possam notar, que indicam a aplicação de *mouchons* na parte de dentro, sinal que as lonas estão cortadas. Atenção ao verificar o pneu no pontode união com a jante. Se houver sinais de pequenos cortes ou a borracha se apresentar ressequida, esse facto indica que o pneu rodou com pouca pressão ou a máquina esteve muito tempo parada. Em qualquer dos casos o pneu não é de confiança.

TRAVÕES: Atenção a este pormenor, do qual depende, tanta vez, a vida do condutor. Se os calços aos travões estiverem demasiado gastos, é fácil verificá-lo, pois os afinadores devem estar no máximo da afinação. Embora este facto não influa, pois não é muito caro substituir os calços, a verdade é que, se estes estão muito gastos os rebites com que estão cravados aos colares vão actuar directamente na polie, produzindo riscos que diminuem a eficácia da travagem. Verificar se o pedal do travão tem sinal de muito desgaste ou se o seu aspecto está de acordo com os quilómetros marcados no velocímetro.

EMBRAIAGEM: Tem que embraiar e desembraiar bem e com suavidade. A moto tem que começar a rodar com a manete da embraiagem aproximadamente a meio do seu curso. Se esta pegar quase no fim concluir-se-á que os discos da embraiagem estão muito gastos. Apoie-se no pedal de arranque e faça-o vir abaixo. Se o motor não vira ou oferece pouca resistência é sinal que a embraiagem patina.

MOTOR: Verifique se este tem bastante compressão apoiando-se no pedal de arranque com todo o seu peso. Antes que o pedal venha a baixo o motor tem que oferecer uma certa resistência.

Ponha o motor em marcha, primeiro ao *relenti* e depois acelerado. Além dos ruídos normais das válvulas e da admissão, não se devem ouvir outros barulhos, pancadas, griladas, etc.; neste caso, não insista na observação. O motor necessita de ser revisto. Verifique sempre o aspecto dos parafusos e porcas do motor; devem estar em boas condições e não «desbocados» e com as esquinas arredondadas. Este facto é sinal que o motor já foi montado e desmontado inúmeras vezes.

Verifique o pedal de arranque. Não deve ter folgas no eixo e deve vir imediatamente acima quando se solta. Examine a caixa de velocidades, com a máquina no cavalete; todas as mudanças devem entrar sem pancadas e suavemente, sem se ouvir qualquer «chiadeira» nos carretos.

TRANSMISSÃO: Verifique a corrente de transmissão da caixa de velocidades à roda de trás. Deve apresentar-se toda ela com a mesma tensão e sem desgastes nos elos. Igualmente se devem verificar atentamente os dentes da cremalheira da roda de trás; se estes se apresentam muito desgastados e demasiado ponteagudos é sinal que tiveram já muito uso ou que a cremalheira não está normalmente perfilada com o pinhão de saída da caixa de velocidades.

MAGNETO: Deve fornecer uma boa faisca azul e brilhante. Verifique-o, retirando o fio da vela e colocando-o a aproxi-

(Continua na página 7)

FERNANDO ESPÍRITO SANTO é sobejamente conhecido no meio motociclista, tanto pela sua permanente boa disposição e camaradagem, como pelos louros que tem conquistado, para necessitar de apresentação.

Queremos apenas assinalar o facto, o que fazemos com imenso prazer, de tê-lo como nosso colaborador permanente, não só com a secção que hoje se inicia, como com outras que a seu tempo irão surgindo. Com os seus competentes ensinamentos e conselhos muito terão a lucrar os nossos leitores menos experientes.

Estes prémios podem ser seus

Campeonato das assinaturas

Esclarecemos os nossos leitores que este campeonato é independente do concurso que quinzenalmente realizamos. Para o CAMPEONATO DAS ASSINATURAS não é preciso mandar cupão e a ele **podem concorrer todos os assinantes ou simples leitores** de «A Província», quer sejam ou não velomotoristas, «scooteristas» ou motociclistas.

O título de «CAMPEÃO DAS ASSINATURAS» será atribuido a quem conseguir maior número de assinantes até Dezembro do corrente ano e o prémio será nma valiosa taça.

Para o 2.º e 3.º reservamos, respectivamente, assinaturas de 50 e de 20 números de «A Província».

Concurso Quinzenal

Para ficar habilitado ao acessório que quinzenalmente sorteamos entre os leitores que nos remetam, devidamente preenchido, o cupão que abaixo publicamos, basta:

a) Possuir moto, «scooter» ou bicicleta motorizada.

b) Citar o nome e morada de pessoas que conheça que possuam bicicletas motorizadas, «scooters» ou motos. *Esta condição é indispensável.*

Cupão para o concurso

Qual o acessório que falta na sua máquina? .....

.....

(Nome)

.....

(Morada)

.....

Marca da sua máquina .....

MOTO Jornal

N.º 2

Suplemento Quinzenal de

A PROVÍNCIA

N.º 79 — Montijo, 13 de Setembro de 1956

SOB A DIRECÇÃO DE

José dos Santos Marques

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

Pede-se a atenção da

DIRECÇÃO - GERAL DE VIAÇÃO

sôbre este momentoso assunto

Quem fizer exame numa moto de 250 c. c. pode conduzir qualquer «scooter», moto ou moto com carro, seja qual fôr a celindrada.

Quem fizer exame numa moto de 124,... c. c. não pode conduzir um motociclo de 125 c. c.

ESTA é a espantosa realidade que tem dado origem a vários aborrecimentos, detenções, julgamentos, multas, etc..

Não cremos que a Direcção-Geral de Viação procure criar dificuldades seja a quem fôr, mas o certo é que a imposição rigorosa da lei está trazendo complicações. Conhecendo-se o espírito de justiça que anima o seu ilustre Director, estamos certos que o assunto, pela importância de que se reveste, merecerá o seu interesse e procurará solucioná-lo com brevidade.

Todos nós sabemos que qualquer indivíduo que possua carta de ligeiros, que pode ser tirada, por exemplo, num Volkswagen, está habilitado a conduzir qualquer carro, mesmo que seja um potente Ferrari especial ou ainda uma camioneta para 3.500 quilos de carga. Do mesmo modo que a carta de condução obtida pelo exame feito numa motocicleta de 250 c. c. habilita a conduzir qualquer motocicleta, mesmo que seja uma potente máquina de corrida.

Acontece, porém, que todo o indivíduo que faz exame de condução em motocicletas de cilindrada inferior a 250 c. c. fica condicionado à cilindrada citada no livrete (com vírgulas e tudo) da máquina que utilizou. Não sabemos qual seja a razão dêste critério, mas o que nos parece é que qualquer indivíduo que conduza uma máquina com 123,67 de cilindrada poderá muito bem conduzir máquina idêntica com 124,67 sem que haja uma razão forte para considerá-lo sem carta, sobretudo quando se trate de máquinas de características bastantes semelhantes.

Por nos parecer razoável e justo, sugerimos que a Direcção-Geral de Viação, se fôr forçada por lei a considerar estas diferenças insignificantes da máxima importância, tome um dos seguintes caminhos:

— Não autorize exames em motociclos de cilindrada inferior a 250 c. c.; ou:

— Divida os veículos em duas classes: até 250 c. c. e além de 250 c. c..

Deste modo se acabariam os mal-entendidos e todos ficariam satisfeitos.

Verificar que um sistema não satisfaz e persistir nele, não é possível, porque faz nascer na mentalidade das vítimas conceitos errados que geram o descontentamento e o mau estar, com a consequente intranquilidade, e a intranquilidade não é o estado de espírito aconselhável, tanto para a segurança própria como para a alheia, de quem conduz.

José dos Santos Marques

MOTOS • SCOOTERS • VELOMOTORES

Editorial

MOTO *Jornal pretende ser um acérrimo defensor dos verdadeiros interesses do desporto das duas rodas motorizadas. Já o afirmámos no nosso primeiro número e não é de mais repeti-lo. Convém até que tal frase se transforme num «slogan» com foros de verdade. «Slogans» publicitários há muitos, mas este não é publicitário, pretende apenas traduzir uma realidade.*

Pelo ambiente de expectativa, pelos incitamentos que temos recebido, pelas palavras amigas e pelas colaborações desinteressadas, estamos certos de ter chegado na hora própria e de que os nossos fins foram acolhidos com simpatia, senão mesmo com entusiasmo, sobretudo porque nos propomos não só defender o desporto como também os legitimos anseios de todos os motociclistas.

O MOTO *Jornal será uma tribuna aberta aos debates construtivos que não envolvam polémicas, porque as nossas páginas não se abrirão a controvérsias, que sempre revelam palavriado oco e desvirtuador. Todavia estaremos atentos às realizações que forem surgindo e sempre prontos a apontar, por igual, as virtudes e os defeitos que nos pareçam mais avultados ou de fundamental importância.*

Assim sendo, teremos ensejo de criticar construtivamente, não só as manifestações desportivas que o mereçam, como ainda decisões que contrariem os legitimos direitos e objectivos dos usuários das duas rodas motorizadas.

Foi pena que MOTO *Jornal não tivesse surgido logo no seu primeiro número com o aspecto gráfico que desejamos imprimir-lhe, mas procuraremos que ele vá gradualmente atingindo o nivel que ambicionamos, e cremos que a melhoria verificada no presente número possa já servir como amostra insignificante do que pretendemos realizar.*

Nada, porém, poderemos conseguir, convém acentuá-lo uma vez mais, sem o vosso apoio, leitores amigos, e com ele contamos para triunfar.

MOTO Jornal

Os artigos que neste suplemento se publicam são da responsabilidade de quem os assina.

Quando não venham assinados são da responsabilidade do director do suplemento.

Vai ser uma realidade o

Circuito Motociclista de Lisboa

que se realizará nos dias 29 e 30 deste mês, no Parque de Monsanto

O Moto Clube de Lisboa forneceu à Imprensa duas notícias àcerca da realização do Circuito Motociclista no Monsanto, que se efectuará nos próximos dias 29 e 30 do corrente, a disputar entre motos, «scooters» e velomotores.

MOTO *Jornal* regista com prazer que tenha sido possível levar a efeito o Circuito, não só porque será mais uma jornada em prol do motociclismo, como servirá de fecunda propaganda, além de constituir uma necessidade. Impõe-se a realização de vários circuitos no nosso país e a criação de um, pelo menos, que se realize anualmente e tenha categoria internacional, com bons prémios e bem delineado, para atracção ao nosso convívio dos grandes valores do motociclismo mundial.

A Itália, a França, a Inglaterra, a Alemanha e até mesmo a Espanha, são países onde esta questão, de há longos anos já, passou do domínio das hipóteses para a palpável realidade.

Dentro dos princípios que orientam MOTO *Jornal*, temos um reparo a fazer à forma como se anuncia a admissão dos corredores ao Circuito.

Se com a sua realização se pretende entusiasmar os novos e os consagrados, como parece depreender-se, para a necessária criação de um escol, entendemos que não deveria haver «convites à valsa», como se anuncia, mas uma inscrição aberta a todos, embora sujeita à inevitável selecção.

O malogrado corredor Ray Amm, que tantos triunfos conquistou em provas de velocidade.

A inscrição pode e deve ser livre (e só monetàriamente confirmada depois do candidato ser aceito), mas a selecção é indispensável para segurança dos próprios concorrentes.

Se os convites têm o objectivo de fazer automàticamente a selecção, teremos que concordar que os organizadores agiram pelo que lhes pareceu e não em face das realidades e o realismo é o que nos parece óptimo nestes casos, para que ninguém se sinta prejudicado e ainda para que qualquer ignorado valor possa ver gorados os seus intentos e o País perder assim um possível campeão.

Haja convites ou selecção, é indispensável saber a quem cabe a responsabilidade de os dirigir ou de a efectuar. Sabemos que é uma situação ingrata para quem arca com semelhante responsabilidade, mas o público e os concorrentes precisam conhecer quem lhes proporcionou ou tirou as suas prerrogativas.

Convirá, igualmente, conhecer qual o critério adoptado pelo indivíduo ou indivíduos indigitados para o lugar.

Sobre este ponto, que nos parece de grande importância, tanto mais que apenas existe um treino oficial e não é possível, segundo julgamos, efectuar legalmente quaisquer outros, as notícias divulgadas pelo M. C. L. nada nos dizem. O M. C. L. sabe muito bem que, legalmente, não se podem efectuar treinos de velocidade no nosso país, salvo se forem superiormente autorizados e que, mesmo que tal se verificasse, seria difícil conseguir um local para o efeito, a não ser que a própria pista de Monsanto fosse fechada ao trânsito. Deste modo torna-se difícil avaliar, com exactidão e justiça, quais são os motociclistas, principalmente aqueles que pràticamente se desconhecem — o que não implica que sejam menos competentes do que quaisquer outros —, aptos a competir no Circuito de Monsanto.

Por isso mantemos que a inscrição deve ser livre, mas sujeita a selecção e devem designar-se desde já os seleccionadores. É preciso que o nome do Moto Clube de Lisboa saia prestigiado desta realização.

Nas alterações permitidas aos modelos de catálogo das máquinas, são de admitir as eliminações de panelas e silenciosos (escapes de gazes) em motos e «scooters» e, nestas, a eliminação dos paineis laterais. Os vidros terão de ser obrigatòriamente eliminados de todos os veículos admitidos.

Em princípio, serão admitidos os seguintes veículos:

1.º Grupo, Classe A — Motos de 351 a 500 c. c. (sport e turismo, modelos de catálogo e de série).

Classe B — Motos de 500 c. c. de competição e de sport com alterações.

2.º Grupo, Classe C — Motos de 251 a 350 c. c. (sport e turismo, modelos de catálogo ou de série).

Classe D — Motos até 250 c. c. (sport e turismo, modelos de catálogo ou de série).

3.º Grupo, Classe E — «Scooters» até 150 c. c. (sport e turismo, modelos de catálogo ou de série).

Continua no próximo número)

Desastres

À perícia dos condutores portugueses se deve o facto de não haver, felizmente, a registar no nosso país o número astronómico de desastres que no estrangeiro se verificam, muito embora o vulgo, que lê os jornais, ande alarmado com o seu número crescente.

Todavia teremos que considerar que se o número de veículos e de pessoas aumenta, e verificamos que num ritmo acelerado, é indubitável que o tráfego, com as suas consequências, se torna cada vez mais intenso.

É de exigir prudência e responsabilidade aos condutores — como até aqui exageradamente se tem feito, mas é indispensável que seja igual e exageradamente exigidas aos peões as mesmas responsabilidades e prudência.

O caso não pode ser visto unilateralmente.

Quantos motociclistas têm ficado feridos com gravidade, inutilizados ou perdido a vida por que uma pessoa, inadvertidamente, sem qualquer respeito por si próprio e pelos outros, sem cuidar que o pobre condutor também tem mulher e filhos, se lhe atravessou na frente ou conversava no meio da estrada, numa curva incoberta?

Quando há atropelamento o condutor é imediatamente detido, mas o peão não. Porquê uma dualidade de critérios?

Se nos voltarmos para a estrada e verificarmos a posição do motociclista (sempre que falamos em motociclista queremos, igualmente, dizer velomotoristas ou «scooterista») perante os condutores de ligeiros e pesados, não poderemos deixar de pensar que a sua vida está constantemente por um fio. Porque, de uma maneira quase geral, a mentalidade de quem conduz um carro, um camião ou um autocarro é que o motociclista se deve aguentar como puder, pois o seu veículo tem muita lata para bater e só a moto e o condutor desta é que se podem espatifar.

O tubo de escape faz muita fumarada? Que importa! O motociclista que se aguente! Há uma poça de água ou de lama? O carro é fechado, portanto quem o conduz não se molha nem se suja Está a fazer uma ultrapassagem sem deixar espaço livre para o motociclista? Que importa? Ele que se aguente como puder! Depois da ultrapassagem meteu-se logo á frente? Porque não trava o motociclista? É preciso parar para consultar o mapa. Para que se fizeram os travões? De resto os *stops* acenderam, portanto o aviso foi dado. O motociclista que vem atrás que não seja *anjinho*, que tenha *garra* e *olhinhos*. É preciso voltar imediatamente à esquerda? Primeiro torce-se o volante, depois poêm-se a seta ou o braço de fora. Sr. motociclista, não seja estúpido, vá com atenção. O carro é potente, portanto é para andar. Vem outro em sentido contrário cruzando-se com o motociclista. Não tem importância! Entala-se este contra a parede e passa-se por entre os dois! Queres ver como se assusta este tipo? Toca-se o claxon mesmo em cima dele.

(*Continua na página 6*)

Segredos de Algibeira

SE gosta de velocidades, que às vezes têm as suas consequências dolorosas, ou se se apaixonou pelas provas desportivas, não se importando que a sua máquinia dure mais ou dure menos, podemos indicar-lhe alguns segredos de algibeira, para conseguir que ela ande um pouco mais. Mas se tem o veículo apenas para a sua vida de trabalho e para os seus passeios, continue com ele como veio da fábrica, que tem um nome a defender e está sempre na vanguarda da técnica. Se quer gastar dinheiro, compre extras. Ficará com a máquina mais bonita e mais durável e, se tiver algum azar, também pagará mais ao bate chapa, ao cromador, ao vendedor dos acessórios, etc..

Para aqueles que gostam de velocidade, aqui vão meia dúzia de segredos de algibeira:

Rebaixe a cabeça do motor, isto é, proceda de maneira que o espaço que fica entre o piston e a cabeça do cilindro seja menor. Aumentará a compressão e conseguirá assim maior rendimento. Mas tenha cuidado: se rebaixa de mais, adeus motor.

Pode também substituir a junta por outra muito mais fina.

Coloque nm tubo de escape mais largo e tire o miolo da panela. Se quiser até pode montar um tubo de escape direito, embora convenha experimentar se obtem assim, de facto, maior rendimento, porque há casos em que não acontece. Mas como o escape livre é proibido, mande colocar uma borboleta.

No carburador pode levantar a agulha que doseia a entrada da gasolina e substituir o gigleur por outro um tudo nada mais largo. Poderá ainda substituir todo o carburador por outro especial que a fábrica lhe forneça.

Dr. Sabichão da Mota

(*Continua na página 7*)

HEINKEL

A famosa marca alemã

Apresentou o seu modelo KABINE, equipado com o já bem conhecido motor a 4 TEMPOS, o que o torna o carro mais económico do mundo consumindo apenas 3 litros aos 100 Km.

Preço 24.900$00 Taxa 1 050$00

Representantes

SIMOTAL

Av. de Roma, 27-A Telefone 776319

LISBOA

Uma feliz iniciativa do Sporting Clube de Portugal

O I Festival Motociclista em Pista

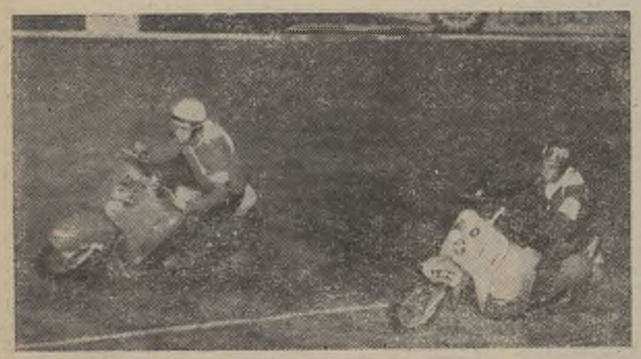
proporcionou a milhares de espectadores horas de intensa emoção

Os milhares de pessoas que acorreram ao Estádio José Alvalade na noite de 17 de Agosto passado e que viveram emocinadas algumas horas de vibrante entusiasmo, demonstraram exuberantemente que as provas motociclistas, com as suas variantes: «scooters», velomotores e «sidecars», podem ter larga aceitação em Portugal. O público soube corresponder inteiramente ao que se esperava dele e os jovens e valorosos motociclistas que tomaram parte no festival mostraram-se, todos eles, de uma audácia e possibilidades sem limites. Se com dois ou três treinos foi possível fazer o que tivemos o prazer de ver, imagine-se o que pode conseguir o motociclismo português — com a sua actual pleiade de corredores que constantemente se torna mais numerosa —, se prosseguirmos num ritmo constante de organizações inteligentes.

Por tudo isto, pode dizer-se, sem favor, que o festival realizado pela Secção de Motorismo do Sporting Clube de Portugal, na sua pista de Alvalade — a única, infelizmente, existente no país — constituiu um êxito clamoroso e absoluto, não só pela enorme assistência — que não foi iludida na sua expectativa e deu por bem empregado o dinheiro gasto, tal a emoção que o invulgar (no nosso país) espectáculo lhe proporcionou —, como pela excelente propaganda em que resultou para o motociclismo nacional. São empreendimentos dêste género que convém acarinhar e estimular porque bastante falta fazem ao progresso e expansão do belo e emocionante desporto — com milhões de adeptos no estrangeiro — que são as competições motociclistas.

A realização das provas foi impecável. E se a organização mostrou certas hesitações e deficiências durante os treinos, sempre naturais em quem começa, soube iliminá-las durante o decorrer do festival e estamos em crer que certos lapsos verificados irão desaparecendo com o tempo. Aliás, em nada prejudicaram o brilhantismo do festival. Todavia convém que, futuramente, o locuctor siga com maior atenção o desenrolar da competição e dê com mais cuidado o nome dos concorrentes. Também as partidas devem ser dadas com o máximo rigor. Mas isto são pequenas coisas que nada representam e fàcilmente se remedeiam. De resto, é de incitar a Secção de Motorismo do Sporting na realização de mais festivais semelhantes — mas sem esquecer que devem ser dadas facilidades e acesso livre a todos os principiantes e consagrados e que muitos poderão competir na sua pista se lhes forem proporcionados os treinos de que carecem, porque não será com meia dúzia de voltas à pista que ganharão o «calo» e a segurança necessárias. Tivemos ensejo de ver alguns consagrados usarem de prudência — possìvelmente por não quererem arriscar-se demasiado, muito embora, sem prejudicarem a sua segurança, pudessem conseguir melhores médias se tivessem mais profundo conhecimento da pista. Nesta noite memorável, as competições que mais entusiasmaram o público foram as iliminatórias e final de «scooters», alcançando-se nesta última a espantosa média de 75,240 Km/H; e a demonstração de «sidecars», com a qual o público e a própria organização vibraram de entusiasmo.

(Continua no próximo número)



Guilherme Martins, em Bella Zundapp, brilhante vencedor em «scooters», ultrapassa Perdigão Garcia

Agostinho Silva e Espirito Santo, mostram o sorriso da vitória

24 horas em pista

Fernando Espírito Santo e Agostinho Silva, dois conhecidos motociclistas que se têm evidenciado em diversas provas, tentaram e estabeleceram um *record* em pista, para *scooters*.

A prova realizou-se no estádio do Sporting e foi feita à média horária de 60,401, sob a fiscalização da Federação Portuguesa de Motociclismo, com uma *scooter* especial de *sport* de 150 c.c.. Foram dadas 3.150 voltas, num total de 1.449,63 quilómetros, no tempo, de 23h, 59m e 58s..

UMA PROVA DO MOTO CLUBE DE LISBOA

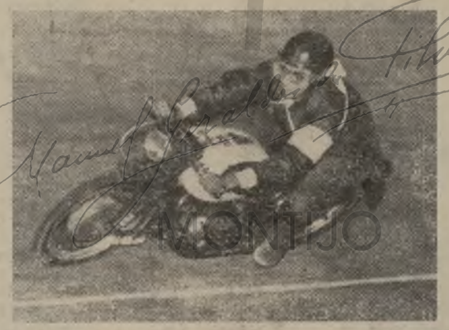
Domingos Malhou

triunfou no Rali de Setúbal

O Rali dos Três Castelos, realizado no dia 19 de Agosto pela Delegação de Setúbal do Moto Clube de Lisboa, foi disputado por 37 concorrentes e constituiu uma prova interessante. O regulamento estava curioso e de forma a que os concorrentes obtivessem a sua classificação na estrada, mas este intento dos organizadores foi prejudicado pela falta de uma boa *èquipe* de cronometragem. Este é um problema que o M. C. L. tem de encarar a sério, pois sem bons cronometristas não poderá organizar ralis que satisfaçam a todos, sem dar lugar a descontentamentos e reclamações. Enquanto os não tiver será preferível solicitar o concurso de entidades competentes neste aspecto.

Fernando Espírito Santo, que vinha bem classificado, teve um acidente que o impossibilitou de concluir a prova.

Ângelo Diniz, que conquistou o prémio (uma assinatura) oferecido por «A Província» e MOTO *Jornal* para o concorrente que se classificasse em último lugar, teve também um acidente que bastante o prejudicou na classificação.



Domingos Malhou, popular corredor motociclista, no seu estilo habitual.

Damos, seguidamente, a posição obtida pelos concorrentes;

1.ª Classe (Motos de 500 c. c.)

1.º, Nunes da Silva; 2.º, Xavier Cardoso 3.º Raimundo Vítor; 4.º, Lopes Neto; 5.º, Pereira de Sousa.

2.ª Classe (Motos de mais de 250 c. c.)

1.º, Vítor Névoa; 2.º Augusto Rodrigues; 3.º Jacques da Silva; 4.º Miranda Ferreira; 5.º, Carlos Rodrigues; 6.º, Fernando Nogueira; 7.º, Costa Monteiro; 8.º, Manuel dos Santos.

3.ª Classe (Motos até 250 c. c.)

1.º, Domingos Malhou; 2.º, Giordano Ferreira; 3.º, Freitas Mora; 4.º, Carlos Espada; 5.º, Miguéns Gonçalves; 6.º, Sertã de Oliveira; 7.º, António Campos; 8.º, Sobral Rodrigues; 9.º, Aníbal Rodrigues; 10.º, Luiz Ladeira.

4.ª Classe («Scooters»)

1.º, Encarnação Delgado; 2.º, Tomás Seixas; 3.º, Evaristo Pereira; 4.º, João Duarte; 5.º, Vasco Figueiredo; 6.º, Agostinho Rosário; 7.º, Fernando Gomes; 8.º, Franco Olivieri; 9.º, Modesto Ferro; 10.º, José Gil; 11.º, Ângelo Diniz, que conquistou o prémio de «A Província».

UMA SÉRIE DE GINCANAS

O Clube Desportivo Penacovense dedica ao velomotorismo a atenção que ele merece e, em abono desta verdade realizou, no passado dia 26 de Agosto, uma interessante gincana exclusivamente destinada a bicicletas motorizadas, na qual foram disputadas taças e medalhas.

A prova decorreu animada e com larga concorrência, o que prova o desejo dos possuidores de bicicletas motorizadas de participarem em provas desportivas, ficando as principais classificações assim estabelecidas:

1.º, Raúl da Silva Valinho; 2.º, Aurélio Carvalho; 3.º, António Flores; 4.º, Horácio Martins; 5.º, Almerindo de Oliveira; 6.º, Manuel Fernandes.

Gostaríamos de dar a classificação total de todos os concorrentes, mas por a mesma nos não ter sido facultada, é impossível fazê-lo.

(Continua)

Portugal brilhantemente representado no estrangeiro por:

Rui de Noronha e Sarmento Rebêlo

que venceram o 7.º Circuito de Burgos e o Rali Mer-et-Montagne

Sarmento Rebêlo, G. Rodrigo (espanhol vencedor da categoria de 100 c. c.) e Rui de Noronha, dão o aperto de mão da vitória.

De passagem para Marselha, Rui de Noronha e Sarmento Rebelo, foram honrosamente convidados a participar no 7.º Circuito de Burgos (Espanha).

Sarmento Rebelo, que impressionou vivamente a assistência e recebeu fartos aplausos, classificou-se em 1.º lugar, na categoria de 150 c. c..

Rui de Noronha distinguiu-se excepcionalmente colocando-se em 1.º lugar, utilizando a mesma «scooter» de 150 c. c., na categoria de cilindrada livre, onde alinharam máquinas de 500 c. c..

Representando a *èquipe* de Portugal, Noronha e Sarmento, venceram ainda o Rali Mer-et-Montagne, de Marselha (França).

Embora tivessem sido convidados a tomar parte noutras competições, entre elas a Volta à França, não puderam aceitar por Sarmento Rebelo ter sofrido um acidente que o obrigou a regressar.

O 6.º Rali da Praia da Rocha

Foi brilhantemente ganho por Afonso Espalha, em moto, a Modesto Guilherme Ferro, em «scooter»

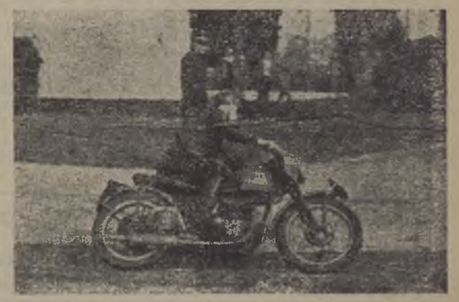
Os ralis à Praia da Rocha, que se tornaram já tradicionais, têm sempre um cunho especial de interesse e constituem uma excelente manifestação turístico-desportiva.

Este ano realizou-se o 6.º com a indispensável colaboração técnica do Clube 100 à Hora, sob a organização da Santa Casa da Misericórdia de Portimão e o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo de Portimão.

O rali constou de uma prova de estrada, com partidas de Lisboa e da Praia da Rocha, à habitual média de 45 km/H, sendo o percurso total de 340 quilómetros para os que partiram de Lisboa e de 345 para os que partiram da Praia da Rocha.

A prova de estrada e a primeira prova complementar (Rampa e Lançamento) fôram efectuadas no sábado 1 e a segunda prova complementar (Maneabilidade e Travagem) no do-

(Continua na página 7)



Afonso Espalha, um dos melhores corredores portugueses

Lucros provenientes de «scooters» que se transformam em benefício para os operários

A Piaggio e as suas grandes realizações sociais

A organização social da Piaggio desenvolve-se paralelamente ao engrandecimentos das suas instalações fabris.

Os operários e empregados encontram na vasta organização da sua indústria uma assistência material e moral que vai desde a habitação confortável e moderna a todas as facilidades de trabalho.

Um importante «Centro Operário», recentemente fundado, assegura a todos os serviços, nos próprios locais e horas de trabalho, uma atmosfera moderna e acolhedora.

Para a sua instalação foi expressamente construido um edificio de dois andores, de uma superficie total de 6.560 m2, compreendendo, no andar inferior, as instalações higiênicas e os vestiários e no andar superior um grande refeitório, servido por uma cozinha ultra moderna e por um bar.

O «Centro Médico», instalado no andar inferior do edificio, assegura a assistência sanitária e vigia permanentemente as condições fisiológicas dos operários, em função do trabalho que realizam.

O Centro dispõe, não sòmente de consultórios de clinica geral bem apetrechados para o exame médico e laboratorial, mas ainda de consultórios de especialistas e uma instalação radiológica completa.

Uma loja situada nas proximidades das instalações fabris, proporciona aos operários a possibilidade de adquirir em produtos alimentares ou de consumo a preços reduzidos. A loja fornece também uma espécie de vales para aquisição nos estabelecimentos da cidade de artigos vários em condições vantajosas.

O bairro «Rinaldo Piaggio» está situado nas proximidades da fábrica e compõe-se de 24 edifícios, representando um total de 1.058 habitações, ocupadas por 1.200 operários, empregados e membros de familia, com os seus estabelecimentos, garagens, lavandaria e uma logade produtos alimentares e de consumo. No centro do bairro situa-se a igreja, recentemente ampliada e enriquecida. A assistência religiosa e os oficios eclesiásticos são confiados a um sacerdote privativo, residente no próprio bairro.

Existe também um serviço de assistêneia social dependente de um conselho que actua em colaboração com o Instituto de Previdência e Mutualidade e que estão dependentes da Direcção do Pessoal.

A assistência à infância é confiada a um Asilo — Creche construido de harmonia com os critérios racionais modernos, dispendo de assistentes sanitários, professores e médicos pediatras que orientam a formação e a saúde das crianças.

Num edificio anexo ao Asilo, funcionam, a par do curso dos liceus para os filhos dos beneficiários, cursos de corte, costuras, bordados e de economia doméstica.

A fim de poder acolher as pessoas que não pertençam aos agregados familiares instalados em Pontedera ou os visitantes de passagem, construiu-se um hotel com todo o conforto moderno.

O «Centro Cultural e de Recreio» compõe-se de uma biblioteca com mais de 2.000 volumes, uma sala de leitura com numerosas publicações técnicas e de actualidades, bilhares, ping-pong, salas para concertos e espectáculos de variedades, televisão, cinema e bar.

Realizam-se constantemente concertos, espectáculos para as crianças, bailes, conferências e organizam-se exposições artisticas, etc..

O «Centro Desportivo» dispõe de um campo de futebol, de um «court» de ténis, de campos de basquetebol, voleibol, e patinagem sobre rodas.

Existem actualmente duas equipas de futebol, das quais uma participa no campeonato da primeira divisão e a outra no compeonato de juniores. Uma equipa de basquetebol e uma de voleibol compostas exclusivamente pelos residentes no bairro e por infantis.

Acaba de terminar a construção de um «Centro de Infância», composto por uma sala de ginástica, uma sala de jogos e uma outra para reúniões. Na primeira os professores de cultura física ministram cursos de ginástica, esgrima e preparação atlética.

(Adaptação de S. M.)

Capacetes de Protecção

Em duro alumínio revestidos interiormente com espuma de borracha e feltro. Todas as medidas e côres. Com pala 220$00, sem pala 200$00.

Enviam-se para qualquer ponto do país contra-reembolso. Basta indicar medida da cabeça e côr que pretende.

RUI AZEVEDO MARQUES

Rua A. Estrada da Luz, 10 - 1.º - Dto. - Telefone 782386 - LISBOA

DESASTRES

(Continuação da página 3)

Chegou a noite. É preciso ver bem o caminho a seguir. Os máximos têm uma luz potente. O motociclista que compre um automóvel para poder fazer o mesmo.

As carroças têm os reflectores sujos de lama e a luz que levam à frente é tapada pela carga. O motociclista que instale radar na sua máqnina.

Não vale a pena prosseguir. O MOTO *Jornal* não pode ocupar-se apenas destes pormenores e poderíamos encher com eles muitos MOTOS *Jornais*.

Há também, evidentemente, motociclistas que se metem entre os carros, de qualquer maneira, que ultrapassam inconscientemente pela direita, que fazem as curvas fora de mão, que não se preocupam em atropelar seja quem fôr. Esses são os que, na realidade, merecem exemplar castigo, mas o que não se psde é generalizar, medir todos pela mesma bitola e se atentarmos bem e sem facciosismo, verificaremos que os motociclistas são os mais cumpridores e prudentes.

Desastres, desastres nunca deixará de os haver. São inevitáveis na vida É de exigir prudência e responsabilidade, mas a todos e constantemente. Há que punir os infractores — sejam eles quem e quais fôrem, mas com exemplar sentido de justiça.

Velocidade pura no Estádio de Alvalade

Mais uma victória do scooter

Bella

ZÜNDAPP

Guilherme Martins

conquista o 1.º lugar de scooters

Distribuidores:

Lisboa Garagem, L.da

Rua Alexandre Herculano, 11 - E

Telefone 55536 — LISBOA

Representante:

Sociedade Zitkermam, S.R.L.

«Vai então comprar uma moto usada?!»

(Continuação da página 8)

madamente 2 a 3 milímetros da cabeça do motor. Dando 3 ou 4 pedaladas com força no pedal de arranque a faísca deve saltar claramente, conforme indicámos.

INSTALAÇÃO ELÉCTRICA: Deve verificar-se o estado dos fios que estão à vista, que não devem apresentar-se descarnados ou muito cobertos de fita isoladora. As luzes devem acender-se bem e fazerem-se as mudanças de máximos e médios fácilmente.

Se ao pôr o motor em marcha a um ritmo de rotações médio, a luz se torna mais branca do que com o motor parado, isso significa que a bateria possìvelmente não está bem carregada ou está avariada. Constate, por intermédio do amperímetro se o dinamo fornece carga suficiente para a bateria.

CARBURADOR: Deve apresentar-se bem apertado no colector de admissão, sem folgas e sem perda de gasolina. O punho do acelerador não deve ter mais do que 1/2 centímetro de folga.

VELA: Retire a vela. Se esta, depois do motor ter trabalhado, se apresenta húmida, é sinal que os segmentos do piston não estão a vedar bem ou que a faísca do magneto é pobre. Os polos da vela devem apresentar-se sem desgaste.

QUADRO: Verifique o estado do quadro e se este se apresenta com qualquer vestígio de já ter sido soldado. Verifique o desempeno deste, colocando-se na frente da máquina. As duas rodas devem estar no mesmo alinhamento.

AMORTECEDORES: Veja se os amortecedores de trás e da frente, têm molejamento e não têm folgas.

Finalmente, não vos deixeis iludir pelo aspecto «bonito» da máquina. Muitas vezes as imperfeições são mascaradas com alindamento.

É de aconselhar que o comprador, se já for encartado, dê uma volta com a máquina e verifique como ela se comporta nas subidas, nas acelerações em diferentes velocidades, nas travagens, etc..

Existem muitos outros pontos que um profissional poderá verificar ainda. No entanto estas são já bastantes para que um amador possa fazer ideia do que vai comprar, sem se deixar entusiasmar de início e, finalmente, ir ter à sua custa a dura experiência do que comprou leviana ou ingènuamente.

Fernando Espírito Santo

O 6.º Rali da Praia da Rocha

(Continuação das páginas centrais)

mingo 2, após um passeio por mar oferecido aos concorrentes pela Comissão Municipal de Turismo, com visita à costa e almoço regional a bordo.

No sábado à noite, realizou-se no Casino da Praia da Rocha um baile e variedades em honra dos concorrentes e no domingo, pelas 23 horas, homenagearam-se os concorrentes no Casino e realizou-se a distribuição dos prémios.

A nota desagradável desta prova foi uma avaria nos cronómetros, verificada numa das provas de perícia, que forçou a desistir muitos dos concorrentes.

As classificações das categorias de motos e «scooters» ficaram assim estabelecidos:

«Scooters»: — 1 MODESTO GUILHERME FERRO, 2.º Angelo Diniz, 3.º José Campos; e 4.º Evaristo Ferreira.

Motos, 1.ª Classe, Superior a 351c.c.: 1.º AFONSO ESPALHA, 2.º Giordano Ferreira, 3.º Pedro Reis, e 4.º Fernando Gaiaz.

Motos, 2.ª Classe, Superior a 251 c.c.: 1.º Henrique Saraiva Lôbo, e 2.º Giórgio Boaroto.

Motos, 3.ª Classe, Cilindrada até 250 c.c.: 1.º Adolfo Gonçalves; e 2.º Jacques Chequita.

Afonso Espalha fez uma prova excelente, tendo conseguido anular a vantagem que sôbre ele tinha Giordano Ferreira.

As Comissões de Turismo, as Câmaras Municipais e outras entidades do país, poderiam seguir o manífico exemplo que este rali representa, proporcionando motivos de atracção turística e desportiva, que muito valorizariam as respectivas estâncias, à semelhança do que se faz em vários centros estrangeiros de grande nome turístico e que reunem elevado número de concorrentes e de espectadores ás várias manifestações desportivas, que em determinadas épocas do ano se realizam.

Segredos de Algibeira

(Continuação da página 3)

Tem ainda à sua disposição o recurso às velas, gasolinas e aditivos especiais, além de certas pastilhas que se adicionam à gasolina, éter, etc., que terão a finalidade de conseguir que a sua máquina ande mais, durando menos.

Poderá recorrer ainda à diminuição de peso e à eliminação de tudo em que o ar possa embater dificultando a marcha, inclusivé dietar-se sobre a máquina ficando com o guiador à altura da cabeça.

Instale um aconto corrido na sua máquina para poder deitar-se mais cômodamente.

Claro que há muitos outros segredos, como colocar bobines de automóvel, adiantar os platinados etc., mas os técnicos que têm as oficinas a seu cargo, poderão preparar a sua máquina de forma a que ela chegue antes de partir.

Dr. Sabichão da Mota

A distribuição de prémios

(Conclusão do número anterior)

Damos hoje mais algumas opiniões sobre a anomalia que se verifica na distribuição dos prémios aos concorrentes das provas desportivas.

Vasco Figueiredo: — No máximo de oito dias, devendo o clube organizador ser obrigado a expor os prémios, na sua sede, antes do início das provas. Isto para evitar 5 ou 6 meses de espera como já tive em diversas provas a que concorri.

Alfredo Baptista Rodrigues, Giordano Ferreira, Manuel Gomes Terenas, Perdigão Garcia e Vasco Rebelo de Andrade: — Quinze dias.

Não damos por concluído este inquérito que iniciámos. Porque consideramos o assunto de interesse vital para o progresso do motociclismo desportivo, abrimo-lo a todos quantos queiram responder para a nossa Redacção à pergunta formulada. Esclarecemos apenas que se nos torna difícil garantir a publicação de respostas muito extensas.

REPARAÇÕES EM

Motos -- Automóveis -- Scooters

Especializados há 26 anos

Casa A. Vieira

STAND — Rua D. Pedro V, 5 Telefone 20497

ESCOLA, GARAGEM E OFICINAS — Rua de Campolide, 135 A - 135 B

Telefones 59261 - 59951

José António Moedas
APRESENTA

Uma das artes de Napoleão

O Imperador Napoleão Bonaparte, apesar de usar sempre, como era da pragmática, uma reluzente espada, segundo parece, a dançar, não era precisamente um «espada».

Uma vez, quando em determinada festa ele tinha como par a embaixatriz austríaca no seu país, esta, em jeito de escárneo, disse-lhe a sua opinião. Sem pestenejar, o grande militar francês replicou-lhe prontamente deste modo:

— Realmente, a minha especialidade não é dançar. É fazer dançar os outros...

A importância do número 7

O número sete, designado pelo povo como a «conta das mentiras», foi muitas vezes usado na antiguidade, com respeito a factos importantes.

Assim, repare-se:

«Os antigos contavam 7 planetas, 7 cores primitivas, 7 maravilhas do mundo, 7 sábios da Grécia, 7 generais que foram os destinados à conquista de Tebas.

Quase todos os povos dividiram o tempo em períodos de 7 dias; há 7 notas de música e por muito tempo não houve mais de 7 metais.

Na Bíblia, encontra-se o número 7 muitas vezes; 7 igrejas, 7 candeeiros, 7 lâmpadas, 7 estrelas, 7 anjos, 7 trombetas, 7 pragas do Egipto, 7 cabeças de dragão e 7 diademas que as mesmas traziam.

No catecismo, há os 7 salmos de penitência, as 7 alegorias e as 7 dores da Virgem, os 7 dons do Espírito Santo, os 7 sacramentos, os 7 pecados mortais e as 7 partes do ofício ou as honras canónicas».

As 7 maravilhas do Mundo

E já que falámos nas sete maravilhas do mundo, aqui as deixamos mencionadas:

1 — As pirâmides do Egipto.
2 — Os jardins suspensos de Semíramis, na Babilónia.
3 — A estátua de Zeus Olímpico, por Fídias.
4 — O colosso de Rodes.
5 — O templo de Artemisa, em Éfeso.
6 — O mausoléu de Halicarnasse.
7 — O Farol de Alexandria.

Já sabia...

— *Que* a cidade do mundo que tem mais densidade populacional é Calcutá, com 60.000 habitantes por quilómetro quadrado? Nova Iorque possui 15.000 e Roma é das grandes capitais a que menos habitantes tem por quilómetro quadrado?

— *Que* foi Confúcio, o maior filósofo chinês quem disse que «é melhor ter mau hálito, que não ter hálito nenhum»?

— *Que* há tempos o famoso automobilista Fângio proferiu esta frase: «Jamais se saberá o número de acidentes que o excesso de velocidade permitiu evitar»?

Antologia da quadra

Se o ferro que arde na forja
Puder um dia gritar,
Não mais a densa fornalha
O voltará a queimar!

L. G. Correia

Provérbios

Antes minha face com febre amarela que vergonha nela.

A casamento e baptizado não vás sem ser convidado.

Quanto mais água mais sede.

A coragem faz vencedores, a concórdia faz invencíveis.

As últimas...

A propósito dos casamentos, muito em voga agora, onde existem grandes diferenças de idade, propagou-se na Inglaterra a seguinte historieta:

Apresentaram-se numa igreja protestante para contrair matrimónio, um senhor bastante entrado na idade e uma rapariguita que mais parecia sua filha. O pastor que os recebeu, sem saber (!) o que eles pretendiam, perguntou sorridente:

— É baptizado ou casamento?...

* * *

Desabafou desta maneira uma senhora casada já há anos e que se encontrava absolutamente conformada com a sua triste (sic) sorte:

«A vida é assim. Ao princípio, é-se acordada com um beijo. E, um dia, «ele» compra um despertador».

Associação da Imprensa Regional e Técnica

Encontra-se constituída a Comissão Organizadora da Associação da Imprensa Regional e Técnica, composta, felizmente, por indivíduos com larga experiência na imprensa e com vontade de trabalhar.

Enquanto os trabalhos de elaboração do projecto do estatuto da futura Associação vão correndo normalmente e a Comissão vai tornando público os resultados dos seus trabalhos de organização, por intermédio dos comunicados que vai distribuindo, iremos nós discernindo sobre o pensamento que presidirá à feitura da lei orgânica que deve reger a Associação da Imprensa Regionale Técnica, para depois esclarecer alguns parágrafos que, postos assim na generalidade, pouco dizem da finalidade que procuram abranger.

Esta Associação tem por fins: facultar aos seus associados a maior defesa económica que lhe for possível, proporcionando-lhes as possíveis facilidades para o perfeito desempenho da sua função jornalística, quer por intermédio da sua secção informativa e núcleo de colaboradores, quer por intermédio dos seus serviços técnicos de artes gráficas. Os serviços técnicos de artes gráficas, ou Escola-Oficina de Artes Gráficas, compreenderão, além do mais, composição, impressão e distribuição de publicações periódicas, livros e outros impressos editados pelos sócios ou pela Associação.

Contribuir para o progresso e elevação do nível cultural e técnico da imprensa e das artes gráficas.

Pugnar junto dos Poderes Públicos pela defesa individual e colectiva de todos

(*Continua na página 7*)

Erros que se corrigem

Não obstante o especial cuidado que se emprega na preparação das gravuras e pranchas para a impressão de selos postais, já várias vezes se têm cometido erros tão manifestos que, ao serem descobertos depois dos selos entrarem em circulação, se torna necessário uma nova emissão com as correcções exigidas.

Assim por exemplo, vemos o selo francês, emitido em 1937, em honra de Descartes (341 Yvert), em que aparece com o título da sua obra «Discours sur la Méthode», nome erróneo, sendo o verdadeiro nome desta famosa obra «Discours de la Méthode». Apenas se descobriu este erro, o Governo Francês, zeloso da sua reputação cultural, ordenou a imediata emissão de um novo selo com a legenda correcta (342 Yvert).

Um simples erro gramatical motivou também recentemente uma grande celeuma nos meios franceses. Trata-se do selo emitido em França em honra dos irmãos Lumière, em que, por equívoco, o acento do primeiro «E' das inscrições da direita e da esquerda do referido selo (1033 Yvert) saiu agudo, quando deve ter acento grave.

E falando em erros gramaticais cabe recordar o ocorrido no selo cubano de «entrega imediata» emitido em 1899 (2 Yvert), durante a intervenção norte americrna. Por influência da palavra inglesa «imediate», o gravador gravou no cliché «entrega imediate», em vez de «entrega imediata». O erro passou inadvertidamente, e assim foi emitido o selo até que se descobriu o equívoco, saindo um novo selo com a inscrição correcta.

Quando do centenário da fundação da colónia de Terranova, em 1910, apareceu um selo com o retrato de Sir Francisco Bacon (77 Yvert), tendo-se-lhe posto a inscrição de «Lord Bacon» e ainda o «Z» da palavra «colonization» apareceu invertido. Os selos que tinham estes erros foram retirados e substituídos por outros com a correcção feita.

Em 1891-92 foi emitida uma série de selos no Haiti (21/25 Yvert), em que o assunto principal era o escudo do país. Estes selos foram executados em París e, decerto, por ignorância do desenhador, as folhas da palmeira do escudo apareceram erectas quando deviam ser inclinadas para baixo, como sempre foram representadas.

Descoberto o equívoco do desenhador, quando os selos se encontravam já em circulação, foi mandada executar no ano seguinte uma nova série com as folhas da palmeira na posição correcta.

Uma série de selos argentinos

Secção dirigida por
JORGE PEREIRA

emitida em 1935/36 (363 373 Yvert) com as efígies de homens célebres do país, apresentava entre outras personagens a do patriota Martin Miguel de Güemes que, por erro, apareceu com o nome de Juan Martin de Güemes. Descoberta posteriormente esta falta, emitiram os Correios da Argentina, em em 1942, um novo selo com o nome correcto daquele patriota.

Também a Suíça emitiu em 1909 uma série em que entre outros se incluiam uns selos (23/130 Yvert) com a legendária figura do pequeno Guilherme Tell, em que se via a corda do arco debaixo da coronha da arma, em vez de tê-la por cima. Quando se descobriu o erro do desenhador, foi emitida uma nova série com a corda do arco no lugar correspondente, série esta que a partir de 1910 teve circulação por muitos anos.

Erro famoso é o da colónia inglesa das Antilhas, São Cristóvão, que emitiu em 1903 uns selos (23/32 Yvert) em que aparece Cristóvão Colombo olhando a terra, a bordo do seu navio, através dum óculo de longo alcance, instrumento desconhecido na época do grande descobridor. Desta vez não só se deixou de corrigir o erro, mas ainda se manteve este anacronismo nas séries de 1920 a 1929, aparecidas com o mesmo desenho.

Também não é menos interessante o erro que se assinala no selo de 1/2 p. comemorativo do centenário de Cecil Rhodes, que a Rodésia do Sul emitiu recentemente. Aparece neste selo a figura de um indígena enfermo estando junto dele o Dr. Livingstone, em cujas mãos se vê o estetoscópio. Segundo o médico que assinala o erro, aquele aparelho de auscultação não foi conhecido na profissão médica até o ano em que teve lugar a morte do Dr. Livingstone. Não nos consta que se tivesse emitido outro selo em sua substituição.

(Adaptado da revista «El Eco Filatélico»)

X Acampamento Nacional do C N E

Informa-nos a Administração Geral dos C. T. T. que, durante o «X Acampamento Nacional do C N E», que se realiza de 16 a 27 do corrente mês, será

aposto, quando solicitado, em todas as correspondências apresentadas no posto do Correio que funciona no local do acampamento, um carimbo especial, de que reproduzimos a gravura.

Os pedidos podem ser solicitados ao Posto de Correio — Avintes.

1.º Concurso Filatélico de «A Província» N.º 8

1.ª — A que país pertence este selo?
2.ª — Em que ano foi emitido?
3.ª — Qual o seu número no Catálogo Yvert (1956)?

Dr. Joaquim Manso

Faleceu em Lisboa, numa Casa de Saúde, este ilustre Homem de Letras, jornalista, e Director do nosso colega «Diário de Lisboa».

Espírito cultíssimo, dum humanismo notável e duma tocante e magnânima dignidade, ilustrou a sua geração com obras literárias que ficam para sempre como património espiritual da Nação.

O jornalismo português deve-lhe também novos e mais rasgados horizontes. O «Diário de Lisboa», de que foi fundador, espelhou o seu carácter, o seu labor profundo, os seus sentimentos de pensador notável através da sua existência jornalística de longos e dilatados anos na direcção.

«A Província» curva-se respeitosamente perante a memória do insigne jornalista, num preito de sentida homenagem, e apresenta ao «Diário de Lisboa» as suas sentidas condolências pelo infausto acontecimento.

Classificações

Por não terem ainda chegado novos cupões com respostas ao n.º 7 deste Concurso, mantêm-se as classificações do número anterior.

Toda a correspondência deverá ser remetida para a Secção Filatélica de «A Província» — Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 18 — Montijo.

1.º Concurso Filatélico de «A Província»
CUPÃO N.º 8

1.ª .....
2.ª .....
3.ª .....

NOME .....

MORADA .....

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Montijo, 1 - Coruchense, 1

Campo «Luís Fidalgo» — Montijo.

Árbitro — Luís de Magalhães — Lisboa.

Realizou-se no passado dia 16, naquele campo, o encontro das equipas assim formadas:

Desportivo de Montijo: Redol; Anica e Cacheirinha; Neto, Barragon e Serralha; Fábregas, Veredas, José Paulo, Mora e Ernesto.

Coruchense: Vieira; Faustino e Prates; Veríssimo, Rocha e Alfredo; Carlitos, Manuel Jorge, Narciso, Rodolfo e Tadeia.

O resultado da primeira parte, 1-0, modificou-se na segunda para um empate.

O ímpeto da turma montijense foi notável e, se tivesse havido, frente à baliza, melhor remate o resultado final teria sido muito diferente.

Quebrado esse ímpeto de entrada, o encontro decorreu de forma contrária, passando o Coruchense a spresentar a experiência dos seus elementos para um equilíbrio razoável.

No entanto, pode afoitamente dizer-se que o Desportivo teve as melhores oportunidades do jogo, as quais não resultaram pela falta indicada e talvez também por uma questão de *chance*.

O certo é que a turma montijense mostrou claramente a sua actual classe, que constitui uma iniludível promessa do futuro.

A inteligência dos seus jogadores, a rapidez e o calor do ataque, a homogeneidade quase geral da turma, são elementos mais que suficientes para se poder afirmar que será adversário de respeito nos prélios seguintes.

A turma Coruchense, embora mais experiente, fez uma exibição muito para cá do que se poderia esperar.

O golo do Desportivo foi marcado por Veredas; o do Coruchense por Carlitos, — aquele aos 14 minutos do primeiro tempo, e este aos 36 do segundo tempo.

A arbitragem sem qualquer dificuldade, e por isso também sem direito de reclamações.

João di cá

Basquetebol

Falando um pouco sobre as equipas do

Clube Desportivo de Montijo

Iniciou-se no passado domingo, dia 16, o Campeonato Regional de Setúbal — «Torneio de Preparação» —.

Os breves apontamentos que aqui vamos expor, serão simplesmente como ligeira análise ao comportamento da equipa do C. D. de Montijo na época anterior e quanto a possibilidades para a época que acaba de se inaugurar.

Nas nossas diversas crónicas de comentários aos jogos disputados pela equipa de Montijo, focámos sempre, ou quási sempre, a dificiente preparação, seja técnica-táctica ou física, com que o «cinco» lutou ao longo do Campeonato. Razões: foram várias. A falta de luz no Campo do Parque deu origem a que só depois de começado o Regional, a equipa treinasse regularmente. Depois, o alheamento e desinteresse de alguns jogadores nos treinos e até nos jogos.

Os treinos eram totalmente desprovidos de princípios e métodos preparatórios. A falta de um treinador, de um responsável, por si, não justificava que tal se verificasse se houvesse em todos os elementos um mínimo de noção pelas sãs doutrinas do Desporto.

Tudo isto, a que os dirigentes da secção estão absolutamente isentos de culpa, resultava que na equipa se jogasse um Basquetebol totalmente improvisado e apenas entregue à capacidade individual dos jogadores que a compunham.

Padrão de jogo, tácticas e contra-tácticas, tudo «Made in Montijo», um tipo especial de escola Basquetebolística.

Doa a quem doer, mas nós somos de uma única palavra, vamos directamente ao fim: em Montijo poderia haver uma grande equipa de Basquetebol. Matéria-prima, aos poucos vai aparecendo. Falta apenas que o Clube Pai acarinhe mais o seu filhinho e não ligue apenas ao irmão mais velho.

Nem só de pão vive o homem; nem só Futebol é Desporto.

Alongámo-nos na apreciação da equipa, e afinal só dissemos as coisas más.

Também tivemos com que nos alegrar.

A vitória contra o Luso (clube pertencente à divisão maior de Portugal), excelentes jogos contra diversas equipas categorizadas, caso Algés, Técnico, ambos em Lisboa, etc.

Houve também a revelação de um grande marcador: Tomás Pontes, o qual não chegou a atingir o estrelato em Montijo, para logo se eclipsar para outro Clube,

Quanto a possibilidades futuras, cremos que irão ser diminutas.

A falta de Tomás vai ser sensível, pois na equipa não há um lançador nato. Barrelas é regular e Pinto está a principiar. Não falamos nos restantes porque, é bastante visível, a veterania já está a pesar.

Resta-nos falar do «Juniores».

Actuação interessante no Campeonato, com uma vitória retumbante sobre os Campeões Nacionais, o Barreirense, e mais exibições interessantes, junto da preparação diferente da 1.ª categoria e a cargo do excelente técnico e preparador Acácio Dores.

Para a época que se avizinha os jogadores são absolutamente os mesmos e as esperanças mais.

Vaticina-nos bom compartamento no Campeonato Regional e depois veremos na Batalha do Nacional.

Ficamos por aqui nas nossas considerações e terminamos informando os nossos leitores de que o Montijo iuaugurou a época com uma vitória sobre o Naval Setubalense por 28-26 pontos.

Escassa como se vê, mesmo para princípios de época...

Luciano Mocho

COLUMBOFILIA

Considerações sobre o pombal

O pombal é a habitação dos nossos pombos e, portanto, deve reunir as condições indispensáveis para que possam sentir-se confortàvelmente instalados e nele gozem boa saúde.

A sua frente, sempre que seja possível ao amador, deve ser a de Este para Sudoeste — (E. - S. E.), — a fim de que os raios solares revigorantes, possam exercer a acção benéfica no seu interior.

Pombal sem sol, é um foco de doenças e parasitas, pois que o sol dá vida e alegria aos pombos; penetra em todas as frestas e elimina os parasitas, até mesmo nos pombais em que a higiene não é suficiente.

Entretanto, há que cuidar da sua limpeza, que deve ser feita diária e, se for possível, sempre da parte da manhã. Procurar-se que o pombal nunca seja húmido, é concorrer para a saúde dos pombos nele albergados.

No verão, quando o calor aperta, nessas tardes tórridas de sol enervante, há necessidade de enfraquecer a sua acção no interior do pombal, o que se pode conseguir com um sistema de ventilação ou reposteiros de linhagem.

Dentro do pombal deve haver um lugar para cada pombo e nunca lugares a menos, pois que os pombos são muito senhores da sua casa, do seu poleiro ou do rectângulo do xadrez onde repousam; e quando assim não acontece, há sempre brigas que alteram o sossego que deve existir no interior da sua morada.

Com um pombal sem excesso de população, evitam-se desordens e os pombos vivem tranquilos na sua residência.

Sossego, conforto e bom tratamento, são estímulos que os leva a criar um grande amor ao lugar onde vivem.

Em contra partida, se o pombo se sente mal na sua habitação, esse amor diminui; e, se algum dia encontrar melhor asilo, torna-se vadio e termina por abandonar a sua antiga morada, por se sentir mal alojado, quer por ser maltratado pelos seus companheiros, quer ainda porque nessa nova residência se sente mais còmodamente instalado.

As dimensões do pombal podem ser restritas ou amplas, o que depende do espaço de que o amador possa dispor, das suas possibilidades monetárias e do número de pombos que possua, não devendo a sua altura do interior ser superior a 2 metros, nem inferior a 1,75 metro.

No que respeita à sua construção, pode ser simples ou luxuosa, o que está subordinado ao gosto e à bolsa do columbófilo, pois que esta pode ser rica ou pobre.

Há ainda que considerar, acerca do pombal, o seguinte:

Que, — como já dissemos —, a humidade é fonte de enfraquecimento, de paralisias e indisposições de natureza reumática.

O frio faz refluir o sangue para o centro do corpo e dá origem a várias afecções interiores, cujas consequências são geralmente fatais; portanto, deve-se fugir à humidade e às correntes de ar.

Todo aquele que esteja, moral e materialmente, disposto a tomar outras medidas que não sejam aquelas que aconselhamos, sofre as suas consequências, por vezes fatais.

De qualquer modo, devemos considerar que o pombal é, para o pombo, um abrigo contra a poeira, a chuva, o vento, a neve e o frio.

E por último, não esquecer que em relação ao seu peso, o pombo é o ser vivente que mais necessita de oxigénio, e que o ar puro é tão necessário à vida animal como o pão é necessário à nossa vida.

Fontes Veiga

Concurso de Prognósticos de Futebol

Cupões referentes a Domingo 23

Por não se realizarem os jogos da 1.ª Divisão indicados para o Domingo 23, em virtude da inauguração do Estádio do Restelo, informamos os nossos leitores que o cupão publicado na semana anterior não perderá a sua validade; contudo aguardar-se-ão os resultados dos jogos da 1.ª Divisão a realizar em 30 do corrente. Todavia, os referidos cupões devem dar entrada nesta redacção até às 12 horas do próximo domingo 23, impreterivelmente.

Cupões referentes a Domingo 30

Abaixo publicamos o referido cupão apenas com os jogos da 2.ª Divisão.

Avisamos os nossos leitores de que este cupão deve ser entregue nesta redacção até às 12 horas do próximo domingo 30.

Prémios atribuídos para este cupão:

Ao que acerte em todos os resultados

1.500$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

E agora todos ao Grande Concurso de Prognósticos

Regras

I — Os concorrentes deverão enviar pelo correio ou entregar pessoalmente na redacção deste jornal (Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18) o cupão inserto neste jornal.

II — Este cupão deverá ser preenchido com os prognósticos dos resultados dos desafios nele indicados e bem assim o nome e morada do concorrente, por forma legível, sem o que não serão considerados.

III — O referido cupão deverá ser entregue até às 12 horas do Domingo em que os jogos se realizem.

IV — No preenchimento dos cupões, não interessa expressar os resultados pelo número de golos marcados ou sofridos por cada clube, mas, unicamente, a aposição de uma das três letras (D. V. ou E.) à frente do nome dos clubes consoante se lhes atribua, respectivamente *Derrota, Vitória* ou *Empate*.

V — Semanalmente serão atribuídos dois prémios.

Um, ao concorrente que acerte em todos os resultados, e outro, àquele que acerte em maior número de jogos (exceptuando todos os resultados).

VI — Desde que dois ou mais concorrentes acertem no mesmo e maior número de resultados será o prémio dividido quanto possível em partes iguais.

VII — Todos os leitores do nosso jornal poderão concorrer.

VIII — Cada concorrente terá o direito de utilizar o número de cupões que quiser, desde que os cupões sejam devidamente preenchidos.

IX — Os prémios semanais serão atribuídos (entregues pessoalmente ou enviados) na semana seguinte ao número em que sairem publicados.

X — Quando um jogo ou mais ficarem adiados por qualquer motivo imprevisto, os cupões só serão considerados depois de conhecidos todos os resultados dos jogos indicados no respectivo cupão.

XI — Os cupões serão publicados com uma semana de antecedência aos jogos, a fim de que os leitores fora de Montijo possam concorrer.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 2

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Marinhense	Boavista	Portalegre	Portimone.
Braga	Salgueiros	Olhanense	Coruchense
Sanjoanen.	Tirsense	Montemor	Olivais
Espinho	Gil Vicente	Montijo	Juventude
Chaves	Peniche	«Os Leões»	Almada
Leixões	Guimarães	Beja	Farense
U. Coimbra	Vianense	Estoril	Arroios

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

«A Província» **Cupão N.º 2**

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 30

Do Minho ao Guadiana

Baixa da Banheira

(Alhos Vedros)

Atrazado

— *Aniversário*: Em 16 de Agosto passado, teve o seu aniversário natalício a sr.ª D. Deolinda Nunes, dedicada esposa do nosso estimado amigo e nosso prezado assinante sr. José Vaz, a quem, enviamos os nossos sinceros parabéns.

— *Clube União Banheirense «Chinquilho»*: Durante o mês de Julho p. p., tiveram lugar na atraente explanada desta simpática colectividade, animadíssimos bailes, dedicados a sócios e suas famílias, abrilhantados pelas respectivas orquestras, nas seguintes datas:

Em 7, pelo Conjunto Musical «Unidos do Jazz», nosso dedicado assinante em Alto Estanqueiro (Montijo). Tem este conjunto como apreciado vocalista, e que nos merece especial referência, o sr. José António Fragoso, e como componentes: António Chitas, Manuel da Guia, Franscisco Ladislau, António L. da Silva, José Farrim e Florentino B. Russo. Em devida oportunidade «A Província», por intermédio do seu correspondente local, como era seu dever, apresentou os seus cumprimentos de boas vindas ao referido Conjunto; em retribuição, e dedicado ao mesmo Clube, foi executado o número especial intitulado «Fado de Montijo», que muito nos sensibilizou.

Em 14 e 15, os apreciados: conjunto musical «Os Rivalistas» e «Orquestra Realce», da Moita, que tem como vocalista, o popular e simpático montijense, e leitor assíduo do nosso jornal, sr. José Manuel Moura.

Em 21, «Orquestra Continental» de St.º António da Charneca (Barreiro).

— *Ginásio Atlético Clube*: Também na encantadora explanada desta colectividade, tiveram lugar, no mês de Julho, animadíssimos bailes, dedicados a sócios e suas famílias, e abrilhantados pelos conjuntos musicais nas seguintes datas:

Em 7, «Blue Star Melody» de Setúbal; em 14 e 15, «Ideal Ritmo», nosso prezado assinante em Lavradio; em 22, «Os Mexicanos», de Barreiro; em 28, a categorizada orquestra «Eldorado» de Montijo.

Bombarral

— No salão nobre do Teatro Eduardo Brasão, sede da União Cultural e Recreativa do Bombarral, esteve patente, de 28 a 30 do mês findo, uma exposição de trabalhos do pintor digressista Passos Salgado, constituída por 32 quadros a óleo, aguarela, desenho e miniaturas, alguns dos quais de real merecimento.

— A Câmara Municipal, desta vila, resolveu destinar o piso inferior do lado norte do Palácio Gorjão para a instalação definitiva do futuro Museu Municipal, cuja organização, digna dos maiores louvores pelo que representa como valor cultural para a terra, será, juntamente com a Biblioteca Popular dos Bombeiros, também em organização, um motivo de interesse para os visitantes do Bombarral e para todos quantos se interessam pelo seu progresso cultural.

— No salão nobre da Associação dos Bombeiros Voluntários, desta vila, vai realizar-se, no próximo mês de Outubro, com a entusiástica colaboração do sr. Filipe Domingos, conhecido filatelista ribatejano e colaborador de Rádio Ribatejo, uma pequena Exposição Filatélica, que está despertando muito interesse entre os coleccionadores da região.

— Encontra-se nesta vila o conjunto artístico «Gente sem Nome», que tem apresentado no Teatro Eduardo Brasão uma série de peças de agrado popular, cujas representações têm apreciável asistência.

Você sabia que...

(Continuação da última pág.)

nenhum prospector petrolífero gosta de ouvir. Quando a broca embate contra um tipo de rocha, sob o qual nunca se encontrou petróleo, ou seja a «rocha mala de viagem» — a única coisa que resta aos prospectores é fazer as malas e ir para outro lado tentar de novo.

* * *

Há prospectores cuja missão é «voltar o nariz» ao seu trabalho. Algumas refinarias empregam homens para procurar cheiros nas instalações e suas imediações. Logo que encontram qualquer cheiro desagradável comunicam o facto à refinaria, para que os peritos possam localizar a sua origem e fazê-lo cessar.

* * *

As vendas de detergentes sintéticos, nos E. U. A., representaram, em 1955, cerca de 60% do consumo total anual de todos os sabões e detergentes. A percentagem equivalente para a Grã-Bretanha foi de 37%.

Associação da Imprensa Regional e Técnica

(Continuação da página 5)

os seus associados e pela promulgação, aplicabilidade e interpretação das leis que regulem o exercício da Imprensa.

Prestar aos seus associados toda a assistência moral e material de que careçam nos litígios emergentes do exercício jornalístico.

Instituir serviços para utilização dos seus sócios e familiares e obter as regalias possíveis para os mesmos. Auxiliar os sócios e familiares, pelo Fundo de Cooperação, quando se acharem em precárias circunstâncias.

Colaborar com os Departamentos do Estado, Organismos Corporativos e outras entidades, no que se relacione com os fins e interesses da Associação.

A Associação realizará os seus fins:

Congregando os jornais, revistas e outras publicações periódicas regulares, legalmente registadas.

Associando os directores, editores, administradores, redactores, colaboradores e correspondentes redactoriais, repórteres e técnicos publicitários que façam parte das publicações inscritas na Associação.

Instituindo uma Escola-Oficina, de Artes Gráficas, para o que promoverá, logo que seja possível, a aquisição de maquinaria e material necessário, que servirão exclusivamente para a execução de publicações inscritas na Associação, de trabalhos dos sócios ou editados pela Associação.

Instalando e mantendo bibliotecas e gabinete de leitura e estudo.

Publicando, logo que seja possível, um Boletim Cultural da Associação e o Anuário Português da Imprensa Regional e Técnica.

Organizando arquivos de fotografias, desenhos e gravuras e ficheiros biográficos das figuras notáveis nas letras, ciências e artes, para utilização dos seus associados. Organizando serviços de assistência jurídica.

Fazendo e mantendo-o sempre actualizado, o registo bio-bibliográfico dos sócios efectivos e dirigentes dos periódicos inscritos.

Conseguindo regalias para os sócios, nomeadamente descontos em aquisições, preços especiais em hotéis, pensões, livrarias, casas comerciais e empresas de transportes, entrada livre, mediante apresentação do cartão de identidade, em actos oficiais, etc.

Promovendo a realização de congressos, conferências, torneios literários, concursos, exposições e outros actos culturais relacionados com a imprensa. Criando bolsas de estudo e prémios literários e de imprensa. Dotando de salas de recreio e de um café-restaurante, a sede social. Proporcionando aos sócios cooperadores a instalacão na sede social e em gabinetes próprios, das respectivas Redacções e Administrações dos periódicos da área de Lisboa e de Delegações dos da província.

Facultando aos sócios a prestação de serviços, tais como: Cobrança de assinaturas e anúncios. Angariação de publicidade. Fornecimento de noticiário, artigos e reportagens. Execução de fotos, desenhos, gravuras e impressos. Aquisição de livros, publicações e papel de impressão e outro material gráfico. Fotocópias, dados biográficos etc.

Nos próximos artigos falaremos sobre a essência de alguns dos pontos acima mencionados, mas em pormenor, para realçar a sua projecção.

A. Vieira Neves

N.º 23 Folhetim de «A Província» 20-9-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

Mais para além do repasto, veio a «banza» e foi o delírio!

Cantou o «Chico Loiro», de penugem moça, melena para baixo e chapéu para cima, olhos cloróticos e tico na comissura. Os «zais» e os «ohs!» abundavam e alastravam.

Veio a velha história do gaiato das ruas que responde num tribunal por bugigangas e que, no fim de contas, sai filho do juiz.

—Isto serviu de pretexto para lágrimas ternas e mansas, enquanto os quartilhos andavam e desandavam.

Depois, foi o «*Manel da Ribêra*» que esterlicava gemidos e tinha tremeliques doces nos garganteados; e o «sôr Osório», — tipo fúnebre, de melancolia aguda, que se especializara em cantigas de *travalho e travalhadores*.

As teorias deste, com zabumbadas no burguês e na prostituta, eram aplaudidas frenèticamente, em grandes concordâncias, e provocavam blasfémias sem nexo.

Ia o «festival» na agonia quando, por tútia e meia, começou grossa discussão.

Já corriam insultos e ameaças nos ares, sem motivo claro; e, num repente, tudo se envolveu em desordem.

—Companheiros de trabalho, amigos e patrícios, conhecidos de há dias e de há muitos anos, odiavam-se agora sem saber porquê, com rancor profundo, — como feras à solta!

No reboliço enorme, caíram mesas e bancos; apagaram-se os candieiros de acetilena; e o «Cantante» aflito, no meio da barafunda, ao ouvir a tilintada dos pratos, copos e garrafas, gritava, pedia ordem, separava os contendores sem conseguir a paz almejada!

Ao fundo da taberna apareciam vultos que se esgueiravam, assustados. Na rua passava gente a correr, levando o alvoroço a toda a aldeia. Batiam portas, fechavam-se janelas às pressas, o mulherio gritava de longe e pedia socorro.

A desordem era de respeito, — talvez a maior desde que se iniciara a construção da fábrica.

Na refrega, sobressaiam imprecações:

—Ai que estou «picado»!

—Ah malandro que me mataste!

—Quem me acode que estou ferido!

E o velho Santana, que seguia a caminho do palheiro, ia resmungando:

—«A taberna é o antro onde os operários gastam a saúde e o salário». A maré vai alta... a maré vai subindo...

* * *

A Ermelinda, — sim, senhor! — era das melhores «borregas do lugar! — monologava o sr. Morais

Conhecera-a certa vez que viera acima, à do João Carapinteiro, por causa duns pregos de «meia galeota» que lhe faltaram na obra.

Passara-lhe rente e observara-a de flanco e por detrás.

—Que bela moça, c' os diabos! Duma assim é que eu precisava...

Aquele meneio das ancas fartas, natural, sem afectações, a perna rija, de pele tostada, a estoirar de sangue e febra, — todo o conjunto de mulher saudável e criada ao léu das encostas sòlheiras, fizera-lhe estremecimentos de lubricidade.

—Aquilo, sim, que era mulher de arrepiar! A Angélica, — a *oficial*, — já estava pesadona, desmazelada, e fartara-o há muito.

Como só a via quando ia a casa, sábados à tarde, sabia-lhe bem como desenjoativo duma semana de abstinência; mas, com franqueza, era sempre a mesma mimalhice de lamúrias, numa cega-rega que aborrecia, e os encantos doutrora tinham-se gasto. Já pouco o interessava. Agora aquela moça, desenxovalhada e remexida, devia ser um excelente «prato de arroz doce». Não tinha nada para deitar fora, pois! (CONTINUA)

PANORÂMICA

Com a colaboração dos
Serviços Culturais da Shell Portuguesa

Os Progressos da Indústria de Produtos Químicos

Foi a Shell que, há cerca de vinte e oito anos, iniciou nos E. U. A. o fabrico de produtos químicos derivados do petróleo. As prementes necessidades da segunda guerra mundial estimularam fortemente o desenvolvimento desta indústria, que continuou a progredir ràpidamente nos anos subsequentes. Ainda hoje, cerca de 3/4 partes do total de produtos químicos orgânicos fabricados nos E. U. A. são derivados do petróleo, resultado este que se deve, em grande parte, à actividade desenvolvida pela Shell.

Na América do Norte, a fase inicial das actividades da Shell no campo dos produtos químicos resumia-se à fabricação de fertilizantes e dissolventes orgânicos, dos quais o Grupo Royal Dutch/Shell se tornou actualmente um dos maiores produtores. Gradualmente, a gama dos produtos foi aumentando, e inclui já alcoóis, acetonas, resinas sintéticas, enxofre, insecticidas, e glicerina sintética.

A Shell Chemical Corporation, que foi a primeira no mundo a construir uma fábrica de glicerina sintética (em Houston — Texas), satisfaz hoje cerca de 1/3 das necessidades totais daquele produto nos E. U. A.. Em Torrance (Califórnia) as fábricas de borracha sintética foram adquiridas ao governo dos E. U. A., no princípio de 1955.

O incremento da indústria química do Grupo Royal Dutch/Shell e as instalações de produtos químicos derivados do petróleo são, porém, mais recentes na Europa e em outras partes do mundo.

Na Holanda e Inglaterra, localizam-se importantes centros de produção, mas também na França e Alemanha se construiram fábricas de produtos químicos. A esta respeito pode também mencionar-se a instalação da Petrochemicals Ltd., companhia adquirida no início de 1955.

É difícil enumerar todas as actividades do Grupo Royal Dutch/Shell no campo da Química, mas dá-se nota, seguidamente, de alguns dos seus aspectos mais importantes.

Para fazer face à crescente procura de detergentes sintéticos, foi necessário construir ou aumentar as instalações para fabricação destes produtos em Stanlow (Inglaterra), Pernis (Holanda) e Petit Couronne (França). Na Europa Ocidental, os detergentes sintéticos satisfazem mais de 1/4 do mercado total de sabões e detergentes, no qual as Companhias do Grupo têm uma comparticipação considerável.

Com a fabricação de cloreto de polivinilo, polietileno, borracha sintética e resinas «Epikote» (resinas «Epon» nos E. U. A.) o Grupo alargou os seus interesses no sector dos plásticos.

Desde os primeiros dias das suas actividades no campo da química, Companhias do Grupo — dos dois lados do Atlântico — têm produzido fertilizantes. A primeira fábrica do Grupo para este fim foi a da MEKOG, na Holanda, e a produção fazia-se à base de gases produzidos em fornos de coque. A posição do Grupo, no sector dos produtos químicos para a Agricultura, foi recentemente reforçada pela produção de insecticidas poderosos, como o Aldrin e Dieldrin.

A Indústria Química do Grupo tornou-se pois numa actividade de primeira grandeza, cuja expansão não cessará, dados os crescentes interesses criados nos mais diversos campos. Esta subida de importância reflecte-se, directamente, no número de fábricas de produtos químicos, que aumenta extraordinàriamente desde 1946, e na tonelagem vendida, que é quase cinco vezes maior do que a de há dez anos.

SERVINDO A LAVOURA

DADA a extraordinária importância da Agricultura na vida económica e social da Nação, a Shell Portuguesa não podia ficar indiferente a uma iniciativa de tão largas repercussões como é o Movimento de Intensificação Agrária, lançado em tão boa hora pelo Sr. Subsecretário de Estado da Agricultura, prof. dr. Vitória Pires.

Aumentar os rendimentos unitários da nossa Agricultura e reduzir, paralelamente, os custos da produção, no mais curto espaço de tempo, são objectivos que os Portugueses, a bem da lavoura e do País, devem ajudar a alcançar por todos os meios à sua disposição.

Consciente da sua posição no Mundo, a Shell está empenhada em contribuir, efectivamente, para a desejada melhoria do nível de vida dos povos. Ora tanto na Europa como na América, de há muito que se procura, pela divulgação, interessar as populações num aproveitamento, mais racional e científico, das principais riquezas dos diversos países.

Assim, e como a Agricultura tem particular relevo em Portugal, a Shell Portuguesa edita, mensalmente um Boletim Agrícola, com uma tiragem de 20.000 exemplares, o qual consiste numa forma prática de colaborar no Movimento de Intensificação Agrário. Distribuindo-o gratuitamente, a Shell Portuguesa fá-lo chegar, tanto quanto possível, à mão dos agricultores, divulgando por esse modo práticas e preceitos que a técnica moderna recomenda.

Nesta «Panorâmica», será inserida uma crónica dedicada à Agricultura, pois que no conjunto nacional os lavradores algarvios têm, sem dúvida alguma, lugar de destaque.

Carta a um Lavrador

Caro Amigo:

JÁ te sucedeu, por certo, encontrares no teu pomar ou na tua horta algumas árvores de fruto cheias daqueles pequenos insectos que tantos danos lhes causam e a que chamas vulgarmente piolhos. A tua primeira ideia ao deparar com essse quadro que muito te arrelia, eu sei, é procurares no teu armazém o frasco com um desses magníficos mas tremendos «remédios» que a «farmácia» agrícola agora te fornece, preparares a calda na dose indicada e pulverizares as plantas doentes. Deitas mão à obra e, terminado o teu trabalho, voltas para casa, arrumas o teu material depois de limpo, sentindo-te no teu íntimo satisfeito pelo bom trabalho que fizeste.

Bom trabalho?! Não sei... talvez não fosse...

No dia seguinte, vais observar, como é natural, o resultado do tratamento e, quando lá chegas, vês sobre as plantas muitos piolhos mortos; olhas para o chão e reparas que também há outros, muitos outros «bichos» mortos; são joaninhas de diversos tamanhos, uns formigões com asas, também de diversos tamanhos, moscas, uma espécie de pequenas libélulas, umas larvas como vermes, etc.

Não olhas para mais nada e vais-te embora radiante, dizendo para contigo: «Liquidei aquela «bicharada» toda!... Bom trabalho!...»

Talvez não fosse...

Passados poucos dias, voltas ao mesmo local, olhas para as árvores e notas que alguns ramos já estão novamente infestados de piolhos e, reparando melhor, vês também que há muitas formigas a subir pelo tronco, mas não vês mais dos outros, daqueles «bichos» que encontraste mortos no chão depois do tratamento.

Pois não, e é pena, porque eles eram bem teus amigos e grandes amigos! E tu, mataste-los todos!...

Mas então o que sucedeu, perguntarás?

Simplesmente isto: o tratamento matou muitos piolhos, mas não todos; não matou as formigas que são amigas deles e a quem protegem; mas matou todos os inimigos dos piolhos que são, portanto, teus amigos.

Melhor teria sido que combatesses as formigas, pulverizando o tronco com um desses formicidas modernos de que, certamente, já te falaram, e deixasses aos teus amigos, os outros insectos mencionados: o trabalho de limpar a copa das árvores dos piolhos.

Vais perguntar-me agora: mas então os insecticidas já não devem empregar-se?

Sim, devem, mas só depois de saber exactamente o que se pretende combater e de bem reflectir sobre o provável efeito do tratamento. No teu caso, era necessário fazer o combate aos piolhos duma forma indirecta, atacando as formigas.

A propósito, já reparaste que em todo o Algarve aparecem há uns anos para cá, maior número de pássaros? E sabes porquê?

Porque as campanhas de combate à formiga, realizadas pelos Organismos do Estado, e a expansão dos novos métodos de combate têm reduzido imenso aquela praga que também é inimiga dos pássaros, pois que ataca os passarinhos dos ninhos. E, como sabes, também há muitos pássaros que são teus amigos.

Há uns vinte anos atrás, a formiga era uma horrível praga em determinadas regiões. Se até os rouxinóis das poéticas margens do Mondego iam quase emudecendo!...

Lembra-te sempre de que o emprego das drogas tem que ser feito reflectidamente, tanto para te tratares a ti como às tuas plantas. Se não sabes fazê-lo, procura quem te possa aconselhar.

O «Shell Nautilus» estação de serviço flutuante

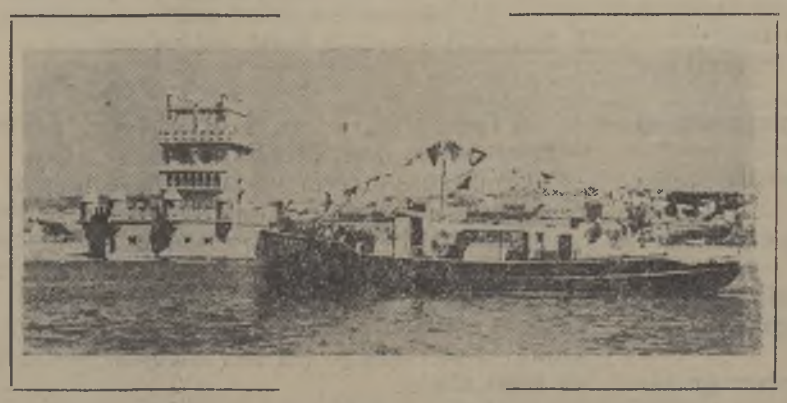
Não vão longe os tempos em que os pescadores, já cansados da labuta diária, tinham ainda a seu cargo a tarefa do abastecimento de combustível em locais às vezes distantes onde esperavam a sua vez e, num ritmo de barco por barco, obtinham a quantidade necessária às tarefas do dia seguinte.

Ora o navio abastecedor «Shell Nautilus», verdadeira Estação de Serviço flutuante, cortando constantemente as águas do Tejo, encarrega-se agora desse abastecimento, numa missão de solidariedade ribeirinha, graças à qual facilita extraordinàriamente a tarefa dos pescadores.

Os serviços do «Shell Nautilus» beneficiam não só a vasta frota pesqueira nacional, que opera junto à costa, como também as pequenas embarcações que se dedicam ao transporte entre as margens do rio.

Tripulado por pessoal diligente, o «Shell Nautilus» demanda os cais onde o peixe é desembarcado. O esforço desses homens, sempre atentos à tranquilidade dos pescadores, nunca é regateado. De facto, o Mestre do «Shell Nautilus» transmite instruções aos tripulantes que, pela tubagem coleante, alimentam os motores sem que, para isso, o pescador tenha de roubar momentos preciosos ao seu repouso.

Até Maio de 1953, data do lançamento à água do «Shell Nautilus» construído em Portugal, nos Estaleiros Navais de Aveiro, a frota pesqueira tinha que se abastecer em bombas montadas no cais. Este processo de abastecimento, além de ocasionar enorme confusão de barcos, tornava-se também num serviço moroso e esgotante para os pescadores já extenuados.



Hoje, nunca há problemas a resolver, até porque entre as tripulações existe sempre contacto amistoso e aquela camaradagem característica dos homens do mar. Os pescadores sabem que o Mestre do «Shell Nautilus» está atento a tudo e os tripulantes acodem, rápidos, a cada solicitação. A aparelhagem é perfeita para que o abastecimento seja efectuado nas melhores condições. De facto, mercê das suas bombas eléctricas, o abastecimento é bastante cómodo e rápido, pois é possível abastecer, simultâneamente, dois ou três barcos, acostados a cada um dos lados da Estação de Serviço flutuante. Assim se alcança, plenamente, o objectivo do «Shell Nautilus», que garante melhoria de serviço com menor dispêndio de tempo e esforço.

Carregando 50 toneladas de «gas oil», três toneladas de «tractol» e uma de petróleo para iluminação, além dos lubrificantes para fins marítimos, o «Shell Nautilus» fornece ainda, gratuitamente, água potável e ar destinado aos motores de arranque.

Constitui, pois, o «Shell Nautilus», importante melhoramento que coloca o rio Tejo, no aspecto de abastecimento à frota de pesca e de transporte fluvial, a par dos grandes rios do estrangeiro onde há igual indústria e movimento.

VOCÊ SABIA QUE...

Os Estados Unidos estão cobertos por uma complexa rede de condutas de óleo, cujo comprimento total — sem contar com as linhas secundárias — chega para dar quatro vezes a volta à Terra?

***

Calcula-se que, de todos os produtos químicos produzidos na Grã-Bretanha, em 1955, mais de um terço era de origem petrolífera.

***

Equipamento de perfuração e técnicas aperfeiçoadas permitem hoje abrir poços nove vezes mais depressa do que há trinta anos.

***

Cada homem, mulher e criança nos E. U. A., gasta uma média de 17 1/2 barris de petróleo, sob a forma de produtos seus derivados.

***

O termo «rocha de mala de viagem» é uma expressão que

(Continua na página 9)